

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LEANDRO DE SOUZA FERREIRA

A GUINADA DE DOUGLASS NORTH RUMO AO INSTITUCIONALISMO
EVOLUCIONÁRIO DE THORSTEIN VEBLEN

CURITIBA

2018

LEANDRO DE SOUZA FERREIRA

A GUINADA DE DOUGLASS NORTH RUMO AO INSTITUCIONALISMO
EVOLUCIONÁRIO DE THORSTEIN VEBLEN

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento Econômico, no Programa de Pós-Graduação Desenvolvimento Econômico do Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. José Felipe Araújo de Almeida

CURITIBA

2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS
SOCIAIS APLICADAS – SIBI/UFPR COM DADOS FORNECIDOS PELO (A)
AUTOR(A)

Ferreira, Leandro de Souza

A guinada de Douglass North rumo ao institucionalismo evolucionário de
Thorstein Veblen / Leandro de Souza Ferreira. – 2018.

81 p.

Orientador: José Felipe Araújo de Almeida .

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de
Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Econômico.

Defesa: Curitiba, 2018.

1. Institucionalismo evolucionário. 2. North, Douglass Cecil. 3. Veblen,
Thorstein, 1857-1929. I. Almeida, José Felipe Araujo de, 1979- II.
Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Sociais Aplicadas.
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico. III. Título.

CDD 330.15



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO

TERMO DE APROVAÇÃO

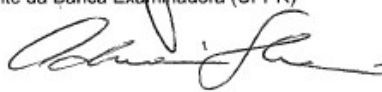
Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **LEANDRO DE SOUZA FERREIRA** intitulada: **A guinada de Douglass North rumo ao institucionalismo evolucionário de Thorstein Veblen**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 08 de Março de 2018.



JOSE FELIPE ARAUJO DE ALMEIDA
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)



ADRIANA SBICCA FERNANDES
Avaliador Externo (UFPR/PPGDE)



ARMANDO JOAO DALLA COSTA
Avaliador Interno (UFPR)

Dedico esta dissertação aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

A Jeová Deus, a minha mãe Lenice, ao meu pai Almir, ao meu orientador Felipe Almeida, ao meu amigo Crisandeson e ao povo brasileiro que financia o ensino público do Brasil.

Estejam sempre alegres. Orem constantemente. Deem graças por todas as coisas. Essa é a vontade de Deus para vocês em Cristo Jesus.

(1ª Tessalonicenses 5: 16-18)

RESUMO

O propósito deste estudo é analisar a guinada de Douglass North rumo ao Institucionalismo Evolucionário de Thorstein Veblen. O estudo descreve as ideias institucionalistas de ambos os autores para evidenciar a influência de Veblen sobre North, principalmente a partir da publicação de *Institutions, Institutional Change and Economic Performance* em 1990. A metodologia adotada na pesquisa foi a de revisão da literatura, com dados secundários em sua totalidade. Sob a influência das ideias da Teoria da Evolução das Espécies de Charles Darwin, Veblen apresenta o entendimento institucionalista evolucionário do desenvolvimento econômico, que será refletido na obra de North. O trabalho expõe o caminho percorrido pela corrente Institucionalista, desde o seu surgimento até a consolidação do pensamento de North, passando pela análise das razões que fizeram com que esta fosse desprestigiada academicamente após a morte de Veblen e retomada nas ideias institucionalistas de North - principal responsável por conduzir as ideias institucionalistas ao século XXI. Os conceitos ligados a cultura, regras, instituições e principalmente ao entendimento sobre a importância dos modelos mentais são examinados nas obras dos autores para viabilizar a análise comparativa entre seus entendimentos e, assim, demonstrar a semelhança entre seus pensamentos.

Palavras-chave: evolucionismo, modelos mentais, desenvolvimento econômico, instituições.

ABSTRACT

The purpose of this study is to analyze Douglass North's yaw to Thorstein Veblen's Evolutionary Institutionalism. The study describes the institutionalist ideas of both authors to evidence the influence of Veblen on North, especially from the publication of *Institutions, Institutional Change and Economic Performance* in 1990. The methodology adopted in the research was the literature review, using secondary data in all work. Under the influence of Charles Darwin's *Theory of Evolution of Species*, Veblen shows the evolutionary institutionalism's understanding of economic development, which will be reflected in North's work. The study exposes the path taken by the Institutionalism chain, from its emergence to the consolidation on North's work, through the analysis of the reasons that caused its academical discredit after Veblen's death and its resurrection on the ideas of North – who led the institutionalist ideas into the 21st century. The concepts related to culture, to rules, to institutions, and to the understanding of the importance of mental models are examined in the authors' works in order to enable to make feasible the comparison between their understandings and thus demonstrate the similarity between their thoughts.

Key words: evolutionism, mental models, economic development, institutions.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 THORSTEIN BUNDE VEBLEN.....	14
2.1 INSTITUCIONALISMO EVOLUCIONÁRIO.....	16
2.1.2 O processo de mudanças.....	19
2.2 THE THEORY OF BUSINESS ENTERPRISE.....	22
2.2.1 Os ciclos econômicos e as consequências da expansão do crédito.....	24
2.2.2 O papel do Estado e as alterações dos paradigmas sociais.....	29
3 DOUGLASS CECIL NORTH.....	31
3.1 DE QUAL NORTH ESTAMOS FALANDO?.....	32
3.2 CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA O INSTITUCIONALISMO DE DOUGLASS NORTH.....	36
3.2.1 Instituições.....	37
3.2.2 Cultura	39
3.2.3 Regras.....	40
3.2.4 Organizações e o processo de mudança.....	42
3.2.5 Custos de Transação.....	43
3.2.6 Tomada de decisão.....	48
3.3 PERPETUAÇÃO DA INEFICIÊNCIA.....	52
4 SIMETRIAS E ASSIMETRIAS ENTRE THORSTEIN VEBLEN E DOUGLASS NORTH NO ESTUDO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO.....	56
4.1 OS EFEITOS DA EVOLUÇÃO ECONÔMICA NAS IDEIAS VEBLENIANAS....	57
4.2 A PACIFICAÇÃO ENTRE A NOVA ECONOMIA INSTITUCIONAL E A ECONOMIA NEOCLÁSSICA.....	63
4.3 O EVOLUCIONISMO E NORTH.....	67

4.4. A CONVERSÃO DE NORTH.....	71
5. CONCLUSÃO.....	76
REFERÊNCIAS.....	79

1. INTRODUÇÃO

Nos estudos econômicos, o Institucionalismo não é uma vertente recente, essa abordagem, enquanto uma escola de pensamento econômico, nasceu na virada do século IX para o século XX. No entanto, de acordo com Rutherford (1996), é possível encontrar abordagens relativas ao Institucionalismo desde os livros de Adam Smith e John Stuart Mill, passando por Marx, pela escola austríaca (Menger, Von Mises e Hayek), Schumpeter e Marshall. Embora não seja possível encontrar o termo “institucionalismo” em todos esses autores, uma vez que conforme Bock e Almeida (2016), apenas em 1919 o termo foi utilizado pela primeira, quando Hamilton publicou o artigo *The Institutional Approach to Economic Theory*,

O estudo do Institucionalismo é dividido em duas correntes principais: o Novo e o Velho Institucionalismo.¹ Rutherford (1996) destaca como principal nome do Velho Institucionalismo Thorstein Veblen e do Novo Institucionalismo Douglass North. Tanto o Velho quanto o Novo Institucionalismo formulam os seus pensamentos tendo como referencial as teorias neoclássicas, no geral ambos se opõem a ortodoxia, mas com medidas diferentes.

O antigo institucionalismo se desenvolveu a partir de uma forte crítica ao neoclassicismo, principalmente as suas análises reducionistas e estáticas, com enfoque no equilíbrio ao invés da mudança. Por seu turno, o novo institucionalismo, ao mesmo tempo em que critica a teoria tradicional, mantém-se preso ao seu núcleo teórico, preocupando-se com aspectos específicos que não invalidam a tradição ortodoxa, mas reconhecendo seus problemas e tentando incorporar elementos mais consistentes na explicação dos problemas econômicos. (LOPES, 2013, p. 02)

Certamente irão existir pontos em comum as duas correntes e pontos de divergência, no entanto sem invalidar as contribuições de ambas as partes. “Each side can pursue its own programs without worrying about the work or the implicit and explicit criticisms made by the other” (RUTHERFORD, 1996, p. 05). As possibilidades de abordar o Velho e o Novo Institucionalismo são inúmeras e no presente trabalho iremos nos ater as ideias dos principais membros de cada corrente: Thorstein Veblen (Velho Institucionalismo) e Douglass North (Novo Institucionalismo).

¹ Outras denominações podem ser observadas na biografia que trata do assunto como: Antigo Institucionalismo, Institucionalismo Evolucionário, Institucionalismo Original e Nova Economia Institucional.

Veblen aborda o homem num sentido coletivo e justifica a padronização dos comportamentos pelo fato de que os hábitos, associados aquilo que é compreendido como melhores respostas comportamentais, tendem a ser repetidos e difundidos socialmente, dando ao ambiente econômico, social e cultural grande relevância para o estudo. A capacidade cognitiva, analítica e descritiva do autor é digna de notoriedade por isso “Thorstein Veblen, sem dúvida, deve necessariamente ser considerado como um daqueles autores que traduziu num sistema de economia política sua época e, mais ainda, o seu lugar, a sua nação ” (CAVALIERI, 2009, p. 14).

Douglass North surge como o principal autor que conduzirá a teoria Institucionalista até o século XXI. A obra principal do autor *Institutions, Institutional Change and Economic Performance*, publicado em 1990, apresenta o resultado do seu entendimento sobre o funcionamento da economia. Neste livro encontramos a síntese do pensamento northiniano e foi de grande relevância para o desenvolvimento desta pesquisa.

A partir da publicação deste livro temos um North diferente do que havia sido apresentado anteriormente (GALA, 2003), o cerne de sua questão deixa de ser a história econômica e passa a ser predominante a teoria econômica. Junto com essa mudança de paradigma temos uma aproximação das ideias de North e Veblen, a influência do Institucionalismo Evolucionário passa a ser significativa na formulação do pensamento do principal autor da Nova Economia Institucional.

Cientes de que tanto Veblen quanto North tiveram uma vida acadêmica muito ativa e com muitas publicações não será objetivo da pesquisa analisar toda essa bibliografia, iremos nos ater as principais ideias do Veblen evolucionista e ao caminho que levou North a essa vertente a partir de 1990. Por isso é necessário que ao longo da leitura sejam guardados os conceitos sobre hábito, comportamento coletivo, evolucionismo e instituições tanto em Veblen quanto em North para que se possa desenvolver uma linha de raciocínio que evidencie a estruturação de uma aproximação dos pensamentos dos dois autores.

A dissertação é estruturada da seguinte maneira: neste primeiro capítulo temos a apresentação do trabalho, seu objetivo e maneira como está disposto. O segundo capítulo é dedicado a Veblen e à sua teoria. Destacaremos pontos para explicar o entendimento vebleniano de Institucionalismo Evolucionário e o impacto das ideias de

Charles Darwin na formulação deste. Apresentaremos explicações do autor a respeito do processo de mudanças e da dinâmica da empresa industrial para finalmente abordarmos os pressupostos que tratam dos ciclos econômicos, papel do Estado e alteração de paradigmas sociais.

O terceiro capítulo gira em torno do pensamento de Douglass North. Explicitaremos inicialmente qual período intelectual do autor iremos nos ater ao longo do trabalho. Em seguida apontaremos suas ideias a respeito das instituições, comportamento humano, regras, cultura e incerteza e os impactos nos custos de transação e no processo de mudança. Dado isto abordaremos a explicação de North para que processos ineficientes se perpetuem em algumas sociedades e a importância das instituições para reverter esse processo e promover o desenvolvimento econômico.

No quarto capítulo será apresentado um posicionamento sobre o que ocorreu com as ideias do antigo Institucionalismo após o falecimento de Veblen e o como North retomou os estudos institucionalista e quais as suas novas contribuições para reviver o interesse por esta vertente. Tendo isto posto, defenderemos que as ideias de North para explicar o desenvolvimento de longo prazo se tornarão muito próximas das ideias apresentadas nos primeiros trabalhos veblenianos. No último capítulo do trabalho ratificaremos as ideias apresentadas previamente concluindo que North se converte ao Velho Institucionalismo Evolucionário.

2 THORSTEIN BUNDE VEBLEN

O primeiro autor a ter relevância estudando o institucionalismo foi Thorstein Veblen, que é reconhecido mundialmente por seu pioneirismo no que hoje é conhecido como o Antigo Institucionalismo, ou Institucionalismo Originário. Mesmo tendo nascido em 1857 as suas ideias ainda têm relevância no debate econômico. “A vitalidade do legado vebleniano pode ser aferida a partir dos constantes debates entre seus intérpretes, e da abertura das associações dedicadas à preservação da discussão sobre sua herança a novas contribuições” (SIMIQUELI, 2016, p. 203).

Quando Veblen publica em 1899 a sua principal obra, *A Teoria da Classe Ociosa*², temos um retrato da evolução da sociedade americana pelo prisma vebleniano. Nesse período os Estados Unidos da América passavam por um período próspero e para alguns de acumulação de riquezas sem precedentes, grandes conglomerados surgiram e se solidificaram possibilitando aos seus proprietários se absterem de hábitos ligados ao trabalho produtivo.

² Em de *A Teoria da Classe Ociosa*, Veblen (1983) introduz a ideia de que para que exista uma classe ociosa é preciso que o princípio da propriedade privada esteja bem claro. Ter posses confere ao seu proprietário o status de ser digno de honras, “a propriedade surgiu e se tornou uma instituição humana sem relação com o mínimo de subsistência. O incentivo dominante desde o início foi a distinção odiosa ligada à riqueza” (VEBLEN, 1983, p.17). A medida que a sociedade evolui e as conquistas bélicas perdem relevância frente a acumulação de riqueza oriunda da exploração de atividades industriais, uma classe passa a ser detentora de grande quantidade de capital que lhe permite viver alheia as atividades produtivas, sendo beneficiada pelo fluxo financeiro gerado, os membros desse grupo compõem a classe ociosa.

Logo as posses estariam ligadas a estima do ser humano. Veblen (1983) aponta que para os membros desse seletor grupo era impossível entender que um ser humano mediano conseguisse manter um sentimento de auto estima quando o mesmo fosse reprovado por seus semelhantes, esse poder seria típico apenas daqueles com excepcional e incomum temperamento. A busca pela aprovação e pelo acúmulo de riqueza passa a ser constante e o atual estágio não é tão satisfatório quanto o seguinte. Essa busca é movida por sentimentos como o egoísmo, inveja e ambição.

As classes mais altas, que conseguem se manter sem a necessidade de atividades laborais, a necessidade de trabalhar os remeteria a um papel de subserviência e inferioridade. “Para obter e conservar a consideração alheia não é bastante que o homem tenha simplesmente riqueza ou poder. É preciso que ele patenteie tal riqueza ou poder aos olhos de todos, porque sem prova patente não lhe dão os outros tal consideração.” (VEBLEN, 1983, p. 22). Para a classe ociosa, a vida ociosa é tida como linda e nobre e os homens que não acham isso, não são civilizados.

A classe ociosa se dedica a atividades improdutivas que não produzem benefícios diretos a vida humana, Veblen (1983) as divide em duas classes: ócio e consumo conspícuo. Enquanto o ócio conspícuo (dedicação a atividades ligadas a hábitos considerados refinados) tem efeito significativo para demonstrar poder em ambientes geograficamente menores, quando o público ao qual se quer atingir rompe as barreiras da pessoalidade, o consumo conspícuo tem maior potencial para evidenciar o poder financeiro, ou seja quando o padrão de consumo está em um patamar elevadíssimo mesmo as pessoas com as quais não existe um relacionamento direto tomam conhecimento, “na base da conveniência, pode-se preferir uma ou outro em diferentes fases de desenvolvimento econômico” (VEBLEN, 1983, p. 42).

Acredito que um ponto merece ser destacado de maneira especial porque demonstra que a patologia da classe ociosa rompe limites morais. As ações oportunistas e muitas vezes ilegais adotadas em nome da obtenção de vantagens indevidas, que serão revertidas em consumo conspícuo não são fortemente recriminadas, uma vez que existe mais desonra em não ter um padrão de vida digno do que em ser um contraventor e o peso da lei para os casos com que envolvem maior volume de dinheiro é mais leve do que com as menores quantias.

Os traços conservadores da classe ociosa são reforçados por Veblen no último capítulo de *A Teoria da Classe Ociosa*, nele as atenções são voltadas para a perpetuação da cultura pecuniária e da utilização de artifícios para atingimento deste fim, dos quais podemos destacar a ideologia que busca convencer a população de que ela é detentora do saber e poder e por isso goza de certos privilégios na sociedade, inclusive se valendo de argumentos ligados a “vontade divina”.

Com o passar dos anos Veblen (1983) nos relata alguns pontos de flexibilização das regras pecuniárias, mas apesar dos traços mais modernos observados a bipolarização da sociedade continuaria sendo um problema, pelo menos para a classe desfavorecida pelo modelo.

Apesar de A Teoria da Classe Ociosa ser o livro mais emblemático da carreira de Veblen, no presente trabalho deu-se maior destaque para a Teoria da Empresa Industrial por ser um trabalho onde o autor além de expor ideias a respeito das classes sociais apresenta ideias importantes a respeito dos ciclos econômicos. O conceito apresentado a respeito do ordenamento da economia é utilizado para ratificação os traços evolucionistas na dinâmica econômica.

Optou-se nesta fase do trabalho, onde são introduzidas as ideias veblenianas, pela divisão do capítulo em duas seções, onde na primeira apresentamos os principais pontos do Institucionalismo Evolucionário e na segunda trazemos as ideias contidas no livro Teoria da Empresa Industrial. Tal divisão foi adotada por acreditarmos que essas informações serão cruciais para que o leitor compreenda a estruturação da hipótese apresentada neste trabalho sobre a influência vebleniana na obra de Douglass North.

2.1 INSTITUCIONALISMO EVOLUCIONÁRIO

Darwin publica a teoria da evolução das espécies em 1859, pouco tempo depois de Veblen nascer, em 1857. Já nas primeiras considerações a respeito das instituições realizadas por Veblen podemos observar a influência das ideias darwinistas: “A vida do homem em sociedade, bem como a vida de outras espécies, é uma luta pela existência, e, portanto um processo de adaptação seletiva” (VEBLEN, 1983, p. 87). A analogia continua quando ao invés de citar as espécies que desaparecem cita os hábitos mais eficientes e úteis para a sobrevivência do homem.

As instituições são elas próprias o resultado de um processo seletivo e adaptativo que modela os tipos prevalentes, ou dominantes, de atitudes e aptidões espirituais: são, ao mesmo tempo, métodos especiais de vida e de relações humanas, e constituem, por sua vez, fatores eficientes de seleção. De modo que as instituições em mudança levam por seu turno a uma ulterior seleção de indivíduos dotados de temperamento mais apto e uma ulterior adaptação do temperamento individual e seus hábitos ao ambiente mutável, mediante de novas instituições. (VEBLEN, 1983, p.87)

Um ponto importante a ser destacado na abordagem de Veblen (1983) é sobre a importância do estímulo, no processo evolutivo das instituições teremos elasticidades diferentes baseadas principalmente no grau de liberdade vivenciado na economia estudada. As mudanças fazem parte do modelo estudado pelo autor, que consolida um posicionamento inverso ao dos neoclássicos que acreditam no mercado representado por

modelos que funcionam em equilíbrio, para o autor os modelos não podem representar uma realidade futura, uma vez que a vários fatores podem influenciar o rumo da economia.

Dentre as variáveis que influenciam a vida em sociedade existe o conjunto moral que vai representar a ética social, o conjunto é variável e vai atingir determinados grupos de maneiras distintas. Além da moral, o temperamento humano também tem considerável variação, dentro deste ambiente muitas vezes conflituoso ocorrerá a seleção natural do ordenamento social, os que forem ineficientes deverão ceder lugar para os mais eficientes.

Veblen (1983) faz uso recorrente da palavra *habits*, por serem os hábitos a incipiência das instituições, no entanto por mais que a ideia associada ao hábito seja de algo repetido inúmeras vezes o autor não acredita ele seja imutável, uma vez que “as instituições têm de mudar com a mudança das circunstâncias, uma vez que é de natureza do seu método habitual corresponder aos estímulos que essa circunstâncias variáveis lhes proporcionam” (VEBLEN, 1983, p. 88). Por isso o autor aborda a questão do estímulo como essencial para que a sociedade faça as alterações necessárias na seleção dos melhores hábitos. “Um passo rumo ao desenvolvimento já por si constitui uma mudança de situação a exigir uma nova adaptação” (VEBLEN, 1983, p. 88).

No entanto, as mudanças não ocorrem de maneira fluida, existem pontos de atrito, uma vez que na maioria dos arranjos sociais o conservadorismo é um traço considerável, os hábitos antigos tendem a estar arraigados fazendo obstrução a instauração dos novos e representando um ordenamento institucional não adequado para o desenvolvimento mais ágil. A evolução das ideias deve atingir a maioria considerável dos hábitos mentais dos membros da sociedade para que o progresso social seja viabilizado, como existem os entraves é necessário que ocorram ajustes para que processualmente novos arranjos sejam estabelecidos.

O ser humano se junta em nome de interesses em comum, geralmente quando as pessoas estão em grupo tendem a ser mais fortes, ao ser estabelecido um determinado estilo de vida subentende-se que o mesmo leva em consideração os objetivos que tal grupo se propõe a atingir, as instituições são reflexo desse arranjo “essas instituições são métodos habituais de dar continuação ao modo de vida da comunidade em contato com o

ambiente material no qual ela vive” (VEBLEN, 1983, p.89). Ou seja, as instituições não mudam se as pessoas não mudarem.

A flexibilidade das pessoas pode variar de acordo com a sociedade, mas não é suficiente para estancar o processo de evolução e alteração das instituições. A vida do homem é caracterizada por uma série de eventos nos quais a mudança está presente. Por mais que alguns queiram preservar algumas, ou todas, as estruturas sociais elas não se perpetuarão perenemente e o seu esgotamento obrigará o reordenamento.

O porquê de alguns serem tão resistentes as mudanças é que os novos ordenamentos geram realocações e com isso a tendência é que alguns privilégios sejam perdidos. Ronald Coase publicou em 1960 um artigo intitulado *The Problem of Social Coast* que aborda as relações entre os agentes econômicos, nesta dinâmica A ou B sai prejudicado por causa de uma escolha de outro agente. “As novas condições podem aumentar a facilidade de vida para o grupo como um todo, mas a redistribuição terá usualmente como resultado uma diminuição da facilidade e da plenitude de vida para alguns membros do grupo” (VEBLEN, 1983, p. 90).

Na economia não existe uma oportunidade sem a geração de ônus pela sua escolha, uma sempre será em detrimento de outra; o custo de oportunidade é um item que os agentes econômicos terão que lidar quando pensarem em tomar decisões que envolvam os seus recursos. A dificuldade de tomar decisões é agravada por uma variável: a incerteza; não sabemos previamente os resultados das escolhas, no máximo temos uma alta probabilidade, mas que não representa plena certeza sobre o resultado a ser alcançado amanhã pelas escolhas realizadas hoje.

A incerteza quanto ao futuro é um ponto que compromete a agilidade das inovações, apesar disto Veblen (1983) passa uma visão otimista onde o progresso é obtido por meio da vitória do novo sobre o arcaico, mas sabe que as dificuldades são consideráveis. Nos arranjos mais democráticos as transformações podem ser ainda mais demoradas quando comparadas com governos autoritários ou com os tempos de guerra onde o governante e/ou vencedor é capaz de impor novos paradigmas ao derrotado/governado.

Quando trata-se de abordagem democrática o convencimento é obtido por meio de negociações e argumentações – ou pelo menos deveria ser – no entanto, quando existe um grupo economicamente forte ele pode fazer uso de seu poder de influência para

barganhar a opinião alheia, ou mesmo oferecer vantagens indevidas para que não se contraponham as suas necessidades. A classe ociosa não poupa esforços para manter-se assim, por isso “o papel da classe ociosa na evolução social consiste em retardar o movimento e conserva o que é obsoleto” (VEBLEN, 1983, p. 92).

O conceito do que é certo e errado para a classe ociosa, ou para qualquer classe posicionada em uma condição favorável a ela é tendencioso. O certo é considerado a atual situação onde a mesma pode gozar de vários privilégios, o progresso ou desenvolvimento social não representa um cenário favorável aos seus membros, no entanto evolução não é interrompida por ela, no máximo é atrasada.

No curto prazo não existe certeza absoluta sobre o que é certo e o que é errado, essa certeza virá quando o “futuro” virar “presente” e apresentar os seus resultados das decisões tomadas de acordo com a evolução das instituições e da economia. O processo econômico evolutivo tem regras próprias que acabam prevalecendo, por mais que determinada classe queira impedir o seu fluxo.

2.1.2 O processo de mudanças

Apesar do conservadorismo se mostrar de maneira mais acentuada nas classes economicamente mais favorecidas ele também existe nas demais classes. Talvez seja uma característica do ser humano repetir hábitos antigos e protelar as mudanças.

O material humano da própria sociedade varia com as mudanças de condições de vida. A variação da natureza humana é tida pelos etnólogos mais recentes como um processo de seleção entre vários tipos étnicos, ou elementos étnicos relativamente estáveis e persistentes. (VEBLEN, 1983, p. 98).

Ao observar o comportamento humano é possível notar uma maior valorização pelo que é atual e já vivenciado em favor da preservação da estabilidade e em detrimento das oportunidades incertas, a continuidade é importante até mesmo por uma questão de identidade e formação de cultura.

Um povo é reconhecido por seus costumes, mesmo assim as mudanças ocorrem. O filósofo Heráclito, que faleceu em 475 a.C., já acreditava que nada era estático e que “tudo flui”, todo o tempo as mudanças ocorrem, o que varia é a escala e a velocidade em que as mesmas se dão. Para Veblen (1983) essa variação decorre do próprio processo

seletivo, o homem carrega em si traços arcaicos passados de geração para geração até que sejam rompidos os conceitos a respeito das verdades sociais.

Um dos motores da evolução é a competição entre os agentes, que vai gerar alterações da estrutura social, por interferir na maneira do homem e das classes sociais se relacionarem entre si. Relembrando um ponto já abordado que diz que o homem tende a se juntar de acordo com os seus interesses, em nome de uma maior expressividade. Essa conjuntura irá gerar uma luta entre as classes, denominada de luta pecuniária, devido uma classe gozar de grandes privilégios e outra não conseguir suprir as suas necessidades básicas, esse ponto é similar as ideias de Karl Marx, mas Veblen não é um marxista e descreve esse conflito nos seguintes moldes:

A luta pecuniária produz uma classe subnutrida de grandes proporções. A subnutrição consiste na deficiência das coisas necessárias a um dispêndio decente. Em qualquer caso, o resultado é uma luta acirrada pelos meios com que fazer face às necessidades cotidianas, sejam necessidades físicas ou mais altas. O esforço de autoafirmação contra as desigualdades requer toda a energia do indivíduo que concentra seus esforços para abranger tão somente os seus fins egoísticos. (VEBLEN, 1983, p. 109).

A divergência de motivação será a razão da disputa entre as classes, onde cada uma motivada por interesses antagônicos buscará os resultados conforme lhe parecer mais conveniente. Para Veblen (1983) o processo competitivo vem da natureza predatória do homem e da sua busca por autoafirmação. Essa natureza compromete a racionalidade (que já é limitada) do homem no processo de tomada de decisão e abre espaço para que componentes do raciocínio humano que não seguem lógicas científicas, como a crença na sorte ganhem representatividade. Para o autor essa característica humana teria como responsáveis a hereditariedade e os traços da cultura bárbara ainda sentidos na sociedade, que teriam influência nos hábitos relativos a fatores que não estão sob controle do homem, como por exemplo esportes e jogos.

No entanto, com a evolução da sociedade esses traços tendem a ficar cada vez menos representativos porque a ampliação do entendimento a respeito das relações humanas e o aumento do conhecimento baseado em experiências prévias ampliaria o leque de possibilidades de cenários vislumbrados previamente fazendo com que as escolhas baseadas na sorte e no acaso sejam menos representativas.

Veblen (1983) levanta fatores psicológicos a respeito das motivações que levam um agente econômico a escolher A em detrimento de B, geralmente a expectativa de vitória é baseada em eventos passados que revela a vontade de ter um agente em

posição privilegiada em detrimento de outro. O recorte apresentado é baseado na visão do torcedor ou apostador, no caso da visão internas dos agentes que estão jogando ou competindo, como por exemplo os agentes A e B o paradigma interno baseia-se na expectativa de mostrar-se mais eficiente em comparação dos com o rival.

Quando a expectativa passa a ser item compositor da escolha do ser humano, fica evidente que mesmo quando o assunto é sorte ou azar o ser humano evolui, e mostra-se mais sofisticado no sentido intelectual do que o bárbaro, que aposta em A ou B sem grandes análises. Quando Veblen (1983) apresenta o novo formato para acreditar na sorte já temos uma escolha influenciada por experiências.

Em sua forma simples, a crença na sorte é esse sentido instintivo de uma inescrutável inclinação teleológica dos objetos e das situações. Os objetos e acontecimentos tendem para um fim determinado, seja esse fim ou objetivo da sequência concebido como fortuito ou deliberadamente procurado. (VEBLEN, 1983, p. 126).

Veblen justifica a relação do homem com a religião através da mesma linha de pensamento, seria motivação hereditária, vinda dos bárbaros, mas com um agravante: o potencial de manipulação social. Como as paixões não são explicadas pela razão, a maneira como o homem lida com elas pode ser conduzida ou manipulada por pessoas interessadas em obter alguma vantagem. Por exemplo, líderes do sacerdócio tem um poder de influenciar os seus fiéis, “e o crente é eminentemente uma pessoa que sabe obedecer e aceitar de boa mente a punição” (VEBLEN, 1983, p. 136).

Para fins de estudo Veblen (1983) não fez diferença se a subserviência está relacionada a uma pessoa física ou a uma entidade espiritual, o ponto é que esse modelo social traz consequências porque a dinâmica será comprometida uma vez que as escolhas terão outros fatores não racionais influenciando-as e o autor posiciona-se contra esse modelo.

Os hábitos mentais que orientam uma pessoa devota se movimentam no plano de um esquema de vida arcaico que mal sobrevive a sua utilidade no que diz respeito às exigências econômicas da vida coletiva da atualidade. No grau em que a organização econômica serve às exigências da vida coletiva atual, ela sobreviveu ao regime de *status*, e não tem emprego nem lugar para uma relação de subserviência pessoal. (VEBLEN, 1983, p. 137)

Veblen procura avançar nos seus estudos baseado na observação do ambiente, por isso não causa nenhuma surpresa o seu posicionamento quanto a inadequação de modelos sociais baseados em subserviência, em crenças no sobrenatural e na mão

invisível. “Para corresponder às exigências da mais alta eficiência econômica sob condições modernas, o mundo em seus processos tem de ser habitualmente compreendido em termos de força quantitativa e desapaixonada, e de sequência” (VEBLEN, 1983, p. 138). O posicionamento do autor não deixa dúvidas de que para que os melhores vençam a seleção natural é necessário que se aja com racionalidade.

2.2 THE THEORY OF BUSINESS ENTERPRISE

Business enterprise é um agrupamento econômico que influencia o ordenamento social e por isso Veblen dedicou em 1904 o seu segundo livro intitulado *The Theory of Business Enterprise* para tratar do assunto. A tradução utilizada neste trabalho foi publicada em 1966 e utiliza o termo empresa industrial para expressar em português esse arranjo que influencia as instituições. Por tratar-se do livro subsequente a A Teoria da Classe Ociosa há remissões a sua obra anterior ao longo de sua argumentação.

Em *The Theory of Business Enterprise* (1906), o foco de Veblen não mais é uma crítica ao cerimonialismo, à elite e ao consumo, mas à influência da lógica de negócios na estrutura social. Para Veblen, o ponto de vista dos negócios dita a dinâmica socioeconômica e também condiciona os hábitos de pensamento vigentes (Veblen, 1906). O ambiente de negócios engloba instituições importantes e influentes no corpo social, sendo conduzido por empreendedores que atuam em processos industriais. O controle da estrutura de negócios pode ser usado por estes empresários em favor próprio, uma vez que é a interação entre os diversos processos industriais que estabelece a direção do ambiente de negócios (Veblen, 1906). (BOCK; ALMEIDA, 2016, p 04)

Já em 1901, ao publicar o artigo *Industrial and Pecuniary Employments* Veblen descreve o pensamento econômico do período da seguinte maneira:

The economists of the late eighteenth and early nineteenth centuries were believers in a Providential order, or an order of Nature.(...)The providential order or order of nature is conceived to work in an effective and just way toward the end to which it tends; and in the economic field this objective end is the material welfare of mankind. (VEBLEN, 1901, p.191)

O bem-estar material descrito pelo autor seria fruto dos bons resultado das atividades econômicas, principalmente da industrial, que geraria uma corrente com desenvolvimento social similar a observada dentro das indústrias. Esse período foi

caracterizado pela crença de que o progresso se originaria das máquinas e do reinvestimento do lucro oriundo da atividade das mesmas.

Em *The Theory of Business Enterprise* Veblen (1966) traz a importância da criação dos elos industriais, que para a viabilizariam a ascensão das atividades industriais. Estes seriam obtidos por meio da padronização de atividades que “significa economia em todos os níveis do processo de abastecimento de artigos, e, ao mesmo tempo, segurança e rapidez em todos os pontos da operação comercial destinada a suprir o mercado consumidor” (VEBLEN, 1966, p. 6).

A atividade industrial tinha habilidades para realizar esse processo, mas estabelecia padrões cada vez mais rígidos em nome da expansão da produção, que teoricamente traria benefícios a sociedade. Ao avançar nas observações a respeito do processo produtivo nas empresas industriais, Veblen (1966) posiciona-se contra as ideias marxistas a respeito da alienação do trabalho vinda da sua divisão, por acreditar que o intelecto do trabalhador sofre o processo contrário tornando-se mais inteligente quando fica mais especializado. “Ele será um trabalhador mais eficiente na medida em que for mais inteligente, e a disciplina do processo mecanizado geralmente aumenta a sua eficiência até mesmo em trabalhos de natureza diferente daquele que lhe impõe a disciplina” (VEBLEN, 1966, p. 156).

A estruturação do raciocínio vebleniano apresenta clara influência das ideias evolucionistas que enxerga na dinâmica econômica um fluxo natural para a idealização de uma ordem natural presente no Institucionalismo Evolucionário. “Economic theory sought out and formulated the laws of the normal life of the social organism, as it is conceived to work life of the social organism, as it is conceived to work out in that natural course whereby the material welfare of society is attained.”(VEBLEN, 1901, p. 193).

Quando Veblen apresenta essa ordem natural nos é apresentado o ponto mais importante dessa obra, que são argumentações a respeito dos ciclos econômicos. Nestes podemos destacar um protagonista: o homem de negócios. Sai dele as principais deliberações sobre o uso dos recursos econômicos disponíveis. As escolhas dos homens de negócios causam impactos consideráveis nos rumos da economia, as máquinas alteraram a forma da economia se desenvolver, mas não tiraram das mãos dos homens a sua capacidade de tomar decisões.

The business man enters the economic life process from the pecuniary side, and so far he works an effect in industry he works it through the pecuniary dispositions which he makes. He takes thought most immediately of men's convictions regarding market values; and his efforts as a business man are directed to the apprehension, and commonly also to the influencing of men's beliefs regarding market values (VEBLEN, 1901, p. 205)

A empresa industrial é desenvolvida como uma atividade individual voltada para o lucro, “the gains of business are derived from successful endeavors of the pecuniary kind” (VEBLEN, 1901, p. 219). Esse traço ratifica as ideias da classe ociosa, onde as motivações individuais, embora com reflexos sociais, funcionam como o motor das motivações humanas. O homem de negócios com motivações individuais nunca está disposto a trabalhar ou empreender pela sua subsistência, a motivação maior é o lucro, os possíveis ganhos sociais serão, caso hajam, consequências secundárias da atividade exercida com a finalidade primária de gerar lucro.

A natureza pecuniária das relações econômicas mantém seu campo de influência em um nível considerável na sociedade porque a maioria das decisões realizadas apontarão na direção da satisfação pecuniária. Neste sentido alguns comportamentos de caráter dubio se manifestam quando algumas atitudes são tomadas sem levar em consideração o bem-estar social, por exemplo, algumas fusões, alienações, compras e vendas estratégicas com a finalidade de alterar a posição do cenário econômico de uma maneira que possa privilegiar um determinado agrupamento estratégico.

Um retrato dessa situação é obtido quando “em determinadas circunstancias pode, igualmente, ser a intenção dos homens situados na direção ostentar aparência desfavorável ou favorável” (VEBLEN, 1966, p. 82). O poder (financeiro) aflora as características mais diversas no homem.

Quando as posses são relativamente pequenas, elas não lhes conferem virtualmente nenhuma autoridade. Porém se forem grandes, elas lhes conferirão um arbítrio financeiro muito mais dilatado do que a medida proporcional. A projeção efetiva da influência de um homem de negócios pode dizer-se que cresce segundo o quadrado do seu ativo. (VEBLEN, 1966, p. 88)

2.2.1 Os ciclos econômicos e as consequências da expansão do crédito

Os ciclos econômicos, que se alteram entre ascensão, crise e depressão, influenciam e são influenciados pelos homens de negócios. As atividades industriais têm

o seu potencial maximizado com a expansão das atividades monetárias, que faz o crédito dividir o protagonismo na era das empresas industriais com o homem de negócios.

O organismo vivo que a indústria representa altera a maneira do homem econômico investir o seu dinheiro, com isso a retroalimentação industrial passou a ser o destino dos valores obtidos na atividade industrial. “Decorreria, dessa forma, a criação de riqueza a partir da riqueza, acumulada principalmente em termos monetários. A economia da Era das Máquinas transformava-se numa economia do crédito ” (CAVALIERI, 2009, p. 386).

Quando Veblen tratou de assuntos relacionados a classe ociosa o sistema financeiro ainda não havia criado uma classe que se beneficiaria da sua especulação. Por isso não foram abordadas as situações ambíguas provocadas pelo surgimento de uma classe dedicada a auferir lucros oriundos da especulação financeira, já em seu segundo livro o autor nos apresenta a dicotomia presente na relação entre o homem empresarial e o industrial.

It is not possible to draw a similar distinction between the undertaker who is in charge of a given industrial concern, and the business man who is in business but is not interested in the production of goods or services. As regards the character of employment, then, the line falls not between legitimate and illegitimate pecuniary transactions, but between business and industry. (VEBLEN, 1901, p. 203)

É uma característica marcante de *The Theory of Business Enterprise* a “existência de uma dualidade expressa, por um lado, pela máquina, centro da dinâmica social produtiva, e por outro, pelos negócios, que dirigiriam a produção via máquinas segundo uma lógica do “investimento para o lucro.”” (CAVALIERI, 2009, p. 378). O contraponto entre classes é um traço essencial desde os seus primeiros trabalhos de Veblen, mas com o passar dos anos as instituições e os agentes econômicos evoluem e ampliam o campo de análise do autor.

Os avanços do mercado de crédito e o aumento da influência de homens das finanças na condução da economia trouxeram benefícios ao crescimento da atividade econômica, mas também estruturou bases para crises futuras. Quando o crédito é concedido nem sempre está atrelado a garantias reais, uma vez que as garantias fidejussórias são recorrentes, no entanto as variações na economia são habituais.

Quando a economia enfrenta problemas com retração a concessão de novos créditos retrai e os já concedidos passam a ser exigidos (adiantamentos, empréstimos, debentures, ações, compromissos diversos) e alguns devedores não conseguem honrar os seus compromissos. Dependendo do volume dos títulos de liquidez duvidosa pode-se levar uma economia a bancarrota, esse cenário descrito por Veblen já foi vivido inúmeras vezes, a mais recente e de grande proporção foi a crise americana do *subprime* dos anos 2000.

Com a expansão das atividades industriais e creditícias as crises passaram a ser mais recorrentes e decorrem de uma combinação de fatores, por ser uma situação cíclica a mesma tem origem em um período de prosperidade, segundo Veblen (1966) geralmente originado por uma elevação dos preços que cria uma expectativa de lucros maiores que impulsiona os novos investimentos, esse clima favorável tende a se espalhar pelos outros setores da economia, trata-se de um fenômeno muitas vezes psicológico, similar ao efeito manada. Nesta etapa “grandes contratos para futura provisão são efetuados em todas as direções, e esse amplo envolvimento dos vários ramos da indústria serve, por si só, para alimentar a prosperidade durante algum tempo” (VEBLEN, 1966, p. 99).

Quando essa euforia não é confirmada por meio da absorção da oferta teremos o início do período de crise, onde os preços deixam de subir, a depender de sua evolução o cenário pode piorar e as empresas se veem obrigadas a venderem os seus produtos por preços que excluem a sua margem de lucro. Para as empresas que se endividaram em maior nível os reflexos da crise serão sentidos em maior proporção. Os compromissos financeiros podem vir a estancar o potencial mercantil da firma, gerando capacidade ociosa e demissões em massa em um cenário de desequilíbrio entre oferta e demanda.

Para Veblen (1966) alguns fatores são mais importantes no que tange as consequências sociais da crise, o primeiro é a sua duração. Mesmo durante tal período os investimentos não cessam totalmente, um dos exemplos disso vem de um dos ícones de Nova York, o Empire State Building, que foi construído durante os piores anos da crise que iniciou-se em 1929. Baseado neste raciocínio o autor destaca que a dinâmica econômica mesmo durante um período de crise buscaria alternativas para responder a esse movimento, podemos enxergar neste pensamento as influências evolucionistas, uma vez que os mais fortes e adaptáveis tendem a sobreviver em diversos tipos de ambientes.

Uma das razões pelas quais os investimentos continuariam seria por conta da expectativa de que o período de retração não seja eterno, a expectativa de lucro futuro moveria o empresário. Caso a crise tenha uma duração que não comprometa os cálculos do investidor e permita ao mesmo que tenha ao seu dispor uma estrutura produtiva para atender ao futuro mercado, o resultado tende a ser positivo, o problema ocorre quando a crise se estende por um período que compromete o orçamento do mesmo.

Além da duração, a taxa de juros é outro ponto importante na dinâmica da crise. A sua variação entre os tempos de prosperidade e retração é grande e causa sérios impactos na economia. O juro é custo do dinheiro no tempo e apresenta variação conforme a sua oferta. “Se a taxa de juros dos financiamentos, ou seja, aquelas pagas aos créditos emprestáveis, ficasse sempre abaixo da lucratividade das empresas, o uso de capitais adicionais tornaria-se sempre vantajoso para os homens de negócios que dirigem a produção” (CAVALIERI, 2009, p.386). No entanto, essa não é a realidade e existem situações em que a taxa de juros é maior que a taxa de lucro da empresa.

O mercado do juro ou monetário, é um mercado que trabalha com expectativas futuras e por isso muito influenciado pelo risco e incerteza. O preço do capital investido após um certo período pode representar o trampolim para a ascensão de uma empresa ou a pedra que a afundará nas águas. “A taxa de juros em época de depressão pode não ser satisfatória para os emprestadores; pode ser desanimadora em comparação com a taxa e juros costumeira durante os tempos de prosperidade.” (VEBLEN, 1966, p. 112). Como os contratos de empréstimos de grandes vultos tendem a ser de longo prazo, o peso dos compromissos assumidos varia tanto quanto as incertezas.

Essas obrigações pendentes e títulos podem ter sido negociados, “emitidos” em período anterior de taxa de juros mais altas e maiores lucros ou podem ter sido consolidados em período de taxas de juros mais altas. No primeiro caso, essas despesas com juros são excessivamente altas em comparação com o presente valor capitalizado do ativo sobre o qual se baseiam, computando-se a capitalização na base do atual custo de substituição dessa propriedade e despesa atual com juros que esse custo de substituição comportaria. No último caso a capitalização original dos itens correspondentes do ativo terão sofrido uma recapitalização prática (efetiva) a níveis mais baixos para corresponder a taxa de juros mais alta prevalecente durante o intervalo em apreço; e no subsequente período de juros baixo, a despesa fixa com essa recapitalização é excessivamente alta em comparação com a capitalização corrente efetiva da propriedade. (VEBLEN, 1966, p. 112)

O processo de superação da crise na indústria está atrelado a sua eficiência operacional, mas não é condição suficiente para que ocorra. Quando Veblen escreveu *The*

Theory of Business Enterprise o processo de substituição da manufatura pela máquina estava em franca expansão e em muitos casos a instalação da mesma era sinônimo de melhoria da eficiência. Segundo Veblen (1966) em períodos anteriores ao século XIX as crises não eram comuns, esse processo se consolidou quando a especulação financeira passou a integrar a vida econômica. Quando o dinheiro passa a representar o sucesso ocorrem muitos casos em que as crises serão frutos de escolhas que priorizaram os resultados monetários frente aos demais.

Para aumentar as margens de lucros muitos artifícios são utilizados e em alguns deles o mascaramento da verdade é utilizado de maneira recorrente. A publicidade passa a representar uma preocupação para as indústrias, pois a opinião alheia terá peso em transações futuras.

As alterações promovidas nas instituições devido a monetarização dos negócios causariam impactos até mesmo na maneira da população trabalhadora enxergar a destinação dos salários. A aquisição de casa própria é citada pelo autor como algo que seria preterido pela classe trabalhadora devido os seus custos de depreciação e necessidades de manutenção tornando o investimento do dinheiro no mercado monetário uma alternativa mais atraente.

Esse cenário representa uma sociedade com alto grau de monetarização (nem sempre lastreada) e por isso os efeitos da crise seriam maiores que nos tempos onde os níveis de monetarização econômica eram menores, uma vez que a sensação de riqueza é financiada em muitos casos por expectativas psicológicas. “O descolamento entre a economia real e a fictícia cresceria, chega-se, então, a um ponto no qual se perde a confiabilidade nas informações passadas pelo sistema de preços – a respeito tanto dos bens e serviços reais, como dos ativos financeiros.” (CAVALIERI, 2009, p.389).

Existe uma necessidade se separar a crise da depressão, segundo Veblen (1966) a na primeira temos geralmente uma inflação instaurada, com retração do crédito e aumento da inadimplência. Na depressão a capacidade produtiva das empresas são revistas, é possível observar que a crise seria um fenômeno monetário e a depressão um fenômeno real que impacta no potencial produtivo instalado. Conforme Cavalieri (2009) a alternativa mais viável para enfrentar o problema do excesso de capacidade produtiva durante a depressão seria manter a economia em subprodução permanente, mas o controle

dessa atividade se tornaria um grande problema quando não estamos tratando de uma economia planificada.

2.2.2 O papel do Estado e as alterações dos paradigmas sociais

Veblen (1966) não tem nenhuma pretensão em fazer propaganda a favor de um regime socialista com o controle centralizado no Estado, o seu posicionamento é semelhante ao que Keynes propõe após algumas décadas. Neste modelo a participação do Estado durante períodos de crise poderia significar a melhor alternativa para a retomada do crescimento e a superação da depressão, pois a sua intervenção na economia impulsionaria positivamente a atividade econômica e principalmente a industrial.

Enquanto os resultados da superação da crise e da depressão não são sentidos na sociedade as ideias socialistas ganhariam corpo, principalmente nos empregados menos qualificados, que questionariam as instituições e o ordenamento social que os prejudica. Veblen (1966), que não é favorável a essas ideias, as classifica como infrutíferas, sem embasamento e hostis. “ Executando-se sua atitude hostil e destruidora para com todas as organizações políticas vigentes, os socialistas não têm nada de consistente para oferecer em matéria de instituições políticas. ” (VEBLEN, 1966, p. 179).

As ideias socialistas não apresentariam um grau de influência considerável quando comparado com o impacto do pensamento tecnológico. A ciência tecnológica encontrou em países como Estados Unidos e Inglaterra um ambiente ideal para desenvolver os seus pressupostos. No entanto a natureza dinâmica da economia não vai propiciar uma curva eternamente ascendente e os sinais de esgotamento deste modelo serão vividos.

O crescimento da empresa da empresa industrial repousa sobre a tecnologia mecanizada que constitui seu fundamento material. A indústria mecanizada é para a empresa industrial um elemento indispensável; ela não pode sobreviver sem o processo industrial mecanizado. Porém a disciplina do processo mecanizado aniquila os fundamentos espirituais e institucionais da empresa industrial; a indústria mecanizada é incompatível com o seu crescimento contínuo. (VEBLEN, 1966, p. 189)

Principalmente pelo caráter antagônico da economia o papel do estado está presente nas ideias de Veblen. Quando o mesmo aborda as funções do governo, o poder do príncipe deve manifestar-se na busca pela criação/preservação de um bom território para que as transações econômicas ocorram. Ao longo dos anos essa função se dava de maneira diferente, mas mantinham um traço comum de andar atrelada ao incentivo das atividades mercantis.

Não foram poucas as vezes em que guerras foram utilizadas com argumentos patrióticos para justificar finalidades econômicas. A indústria da guerra movimenta uma parte considerável das economias das nações mais importantes do mundo. “A base sentimental sobre a qual se apoia a aprovação popular a um governo para fins financeiros pode resumir-se em dois pontos: patriotismo e prosperidade” (VEBLEN, 1966, p. 145). Esses pontos são influenciadores importantes na constituição das instituições por terem relação direta com os hábitos e com a cultura.

A crise é uma realidade que as economias irão enfrentar mais cedo ou mais tarde, faz parte da trajetória as alterações entre progresso e retrocesso. Mesmo as ideias e processos que hoje são úteis e aplicáveis com o passar dos anos se tornam arcaicos e inadequados. A indústria mecanizada causa alterações nos hábitos culturais e mercantis e por isso estão constantemente sendo questionadas por pessoas preocupadas com o futuro. Com o aumento da especulação, um número cada vez maior de pessoas passa a integrar o grupo que se preocupa com os rumos da sociedade.

Com a decadência natural da empresa industrial, Veblen (1966) descreve o início de um processo em que a sociedade passa a se preocupar mais com questões sociais. Neste estágio a sociedade civil passa a ser mais atuante em causas que promovem melhorias no bem-estar social, seja por meio de caridade, educação, cultura ou outros ramos. As associações por meio de grêmios, igrejas e clubes tendem a aumentar e a promover uma alteração dos hábitos. Não existe uma tendência socialista nesse processo, e nem no abandono dos métodos industriais modernos, apenas busca-se um enfoque maior no ser humano.

O processo é lento porque existe uma classe de pessoas muito rica e conservadora que geralmente se agrada da estrutura atual da economia, “esses homens ricos são homens de negócios, em sua maioria idosos e, como todos sabem, quase sempre de temperamento conservador em assuntos culturais, particularmente no tocante a essas

instituições que tem influência sobre a vida econômica e financeira”. (VEBLEN, 1966, p. 194). Por isso a imprensa livre tem um papel importante na alteração de cultura, sem que as informações cheguem a população a alteração de paradigmas é mais demorada, mas não se pode entender por imprensa livre o desprovemento de ideologia, as publicações estão carregadas delas, mas existem pessoas que lutam pela divulgação das informações verdadeiras e que levam a população maior entendimento sobre o mundo que as cerca.

As ideias evolucionistas se farão presentes para entendermos a linha que Veblen adota para concluir que as ideias mais adequadas irão se sobrepor as que não se apresentam de maneira adequada para o desenvolvimento da sociedade. Neste formato as gerações vindouras não estarão dispostas a viver sobre as regras da sociedade industrial e se desenvolverão com um espírito menos emulativo. O autor chega a levantar hipótese a respeito do crescimento das ideias do Cristianismo para ilustrar a alteração dos paradigmas sociais, mas o mesmo reconhece que com o reestabelecimento de ideias aristocráticas a roda social que continua a girar promove uma nova alteração.

3 DOUGLASS CECIL NORTH

Douglass North consolidou-se como o principal autor que conduziu a teoria institucionalista ao século XXI. Ao longo de sua obra intelectual o autor descreveu o seu entendimento sobre o funcionamento da economia. Foram abordados vários pontos que ajudaram o autor a procurar a resposta para uma das questões mais importantes de sua vida acadêmica: Por que alguns países são pobres e outros são ricos?

Para responder a esse, e a muitos outros questionamentos, North investigou as interações econômicas e aprofundou a sua pesquisa no que tange aos custos de transação. North trabalhou e viajou para muitos países e foi muito influente para a formulação de políticas desenvolvimentistas de vários países da América Latina, Leste Europeu (principalmente após o esfacelamento da URSS) e da China (NIELSEN, 2016). Tal experiência lhe permitiu vivenciar muitas realidades e analisar empiricamente a maneira como as relações econômicas ocorrem, gerando assim o embasamento necessário para discorrer teoricamente sobre o desenvolvimento econômico.

O contato com diversas economias fez com que North (1990) acreditasse que não é possível importar modelos de países distintos com o intuito de obter os mesmos resultados, uma vez que a evolução das economias baseia-se em características de cada sociedade. A chave do desenvolvimento econômico em North encontra-se nas instituições que devem estabelecer um modelo racional que opere com os menores custos, apesar dos impactos gerados pela incerteza.

Os estudos de North a respeito do desenvolvimento econômico, sociedade, custos de transação e incerteza são muito abrangentes, frutos de anos de pesquisas, por isso para o presente trabalho iremos pontuar posicionamentos importantes do autor presentes em outras obras, mas destacamos as obras *Institutions, Institutional Change and Economic Performance* (1990) e *Understanding the process of economic change* (2005). A razão para esse destaque é que nesta fase da sua obra temos um North com uma teoria econômica consolidada onde as suas ideias têm uma estruturação que permite a maior demonstração com as ideias veblenianas.

O capítulo dedicado a North foi dividido em três seções, na primeira temos a apresentação de qual North estamos abordando, tal explicação se fez necessária devido as alterações de posicionamento serem recorrentes na obra do autor. A reformulação do pensamento do northiniano é fruto de longo processo de pesquisa que gerou alterações de paradigmas, por ser um autor heterodoxo com método de pesquisa empírico as mudanças não representaram problemas para ele, mas gera a necessidade de esclarecer para o leitor qual a faixa temporal que iremos abordar.

Na segunda seção trouxemos os conceitos fundamentais para a estrutura da teoria institucional northiniana que foi analisada de uma maneira comparativa com a obra de Veblen. Na terceira seção temos explicações a respeito da perpetuação da ineficiência na economia, esse destaque é importante porque permite aplicar conceitos veblenianos a respeito do desenvolvimento econômico.

3.1 DE QUAL NORTH ESTAMOS FALANDO?

A medida que os estudos da Nova Economia Institucional avançavam North revia seus posicionamentos. O autor foi muito ativo em termos de produção textual ao

longo de sua vida e é possível perceber facilmente alterações de percepções entre as suas publicações.

Originally, North believed that institutions would change when powerful economic actors found that inefficiency inhibited them from making bigger profits. However, he showed that institutions change only incrementally, even when they are dysfunctional – lacking rule of law, for instance, or a judicial system that enforces contracts and property rights. (NIELSEN, 2016, p. 02)

O que para alguns pode ser encarado como contraditório no presente trabalho será encarado como evolutivo. A revisão de posicionamento é intrínseca a ciência. Para Kuhn (2013) a evolução da mesma não se dá por meio de uma linha reta em sentido ascendente, muitos caminhos são percorridos e em algumas situações as regressões fazem parte do processo, os testes servem para isso, pelo fato de estar sempre sendo posta à prova os erros são detectados. Não seria diferente com a corrente institucionalista, por isso ao longo deste capítulo apresentaremos parte do caminho percorrido por North para se aproximar das ideias das evolutivas de Veblen.

Se em 1973 North afirma que a economia neoclássica é imprescindível para a formulação de uma teoria econômica, em 1994 afirma que “Neoclassical theory is simply an inappropriate tool to analyze and prescribe policies that will induce development” (North, 1994, p. 359). Gala (2003) aborda a evolução do pensamento northiniano o levou a ser considerado uma referência no que diz respeito aos estudos sobre desenvolvimento de longo prazo. Os seus primeiros trabalhos que abordam a temática são da década de 1960 e são baseados na constatação da importância das instituições para o desenvolvimento econômico.

Ao estudar a evolução da produtividade da indústria de transporte oceânico num dado período, constata que evoluções institucionais foram mais importantes do que inovações tecnológicas. Desenvolve, em seguida, uma série de trabalhos procurando entender o papel das instituições na evolução das sociedades, que culminam no livro *Institutions, Institutional Change and Economic Performance*, de 1990. (GALA, 2003, p. 89)

Para Gala (2003) a partir da década de 1970 os estudos institucionais de North passam a ser estruturado de uma maneira ascendente, que culminaria na publicação de sua obra mais importante *Institutions, Institutional Change and Economic Performance*, em 1990. Ao comparar *The Rise of Western World* 1973 (parceria com Robert Paul Thomas), *Structure and Change in Economic History* (1981) e *Institutions, Institutional*

Change and Economic Performance (1990), Gala (2003) expõe a migração da abordagem histórica para a análise teórica. Enquanto no livro de 1973 apenas 12% era composto de teoria econômica no publicado em 1990 esse índice subiu para 100%.

Em *The Rise of Western World* o autor traz uma abordagem de como o estabelecimento de instituições eficientes foram importantes para o desenvolvimento de nações da Europa e dos Estados Unidos (GALA, 2003). A transição do feudalismo para o capitalismo, assim como os séculos que sucederam essa transição, proporcionou um campo fértil para que North pudesse estabelecer os paradigmas do surgimento das instituições que subsidiariam o desenvolvimento europeu,

O estudo deste período leva North a concluir que “o segredo para atingir o crescimento está na construção de uma matriz que estimule a acumulação de capital físico e humano”(GALA, 2003, p. 93). Embora em *The Rise of Western World* exista uma predominância de aspectos históricos, existem aspectos ligados a teoria dos custos de transação e direitos de propriedade, bem como o impacto da variação dos preços nas estruturas institucionais (RUTHERFORD, 1996).

Ao longo da publicação de 1981 temos um North que passa a se distanciar das ideias neoclássicas e da abordagem histórica. “Apesar de ainda não ter uma teoria completamente acabada do desenvolvimento econômico e da evolução institucional, avança já com bastante força em termos analíticos” (GALA, 2003, p. 93). A busca pela ampliação das ideias da economia neoclássica levará o autor a rever pontos ligados aos conceitos de racionalidade e sobre o impacto da ideologia no ordenamento institucional (RUTHERFORD, 1996).

A abordagem da racionalidade está diretamente relacionada ao estudo da incerteza que irá impactar na tomada de decisão dos agentes econômicos. A ausência de informações completas a respeito de todas as variáveis que influenciam a vida dos agentes econômicos resultará em uma subjetividade que comprometerá a otimização dos resultados. Gala (2003) aponta que neste livro não existe uma conclusão sobre os problemas levantados, por isso o autor procuraria explicar as deficiências da racionalidade por meio do estudo da ideologia.

Na história institucional a ideologia tem um papel importante porque está relacionada com a estabilidade econômica. “Ideologias, ao sustentarem regras informais, também contribuem fortemente para a manutenção das leis e códigos escritos de uma

sociedade através de um efeito legitimador. São estáveis as leis que parecem legítimas aos agentes” (GALA, 2003, p.95). No entanto, é importante não confundir estabilidade com progresso. Uma vez que as ideologias podem ser utilizadas por agentes influentes para manter uma estrutura de privilégios individuais que geralmente compromete o desenvolvimento econômico, perpetua a ineficiência e as instituições ineficientes.

O papel do Estado de manter e formular as regras formais de convivência social está presente em todo o pensamento northiniano e no livro de 1981 North reforça o papel de garantir o direito de propriedade e aborda itens ligados ao custo deste serviço. Os custos de transação são representativos quando abordamos as funções do Estado e estes podem comprometer o desenvolvimento econômico. A interação entre a sociedade civil e o Estado será responsável pela formatação de uma estrutura econômica que quando consegue oferece proteção aos direitos de propriedade a um baixo custo estimulará o crescimento de atividades produtivas e eficientes.

As ideias apresentadas em 1990 consolidam o posicionamento de North a respeito da importância das instituições eficientes na condução das sociedades ao desenvolvimento de longo prazo, a evolução das instituições e da economia não são dissociadas. “Após 20 anos de trabalhos e estudos, conclui que não é possível entender a evolução e o progresso das sociedades sem uma teoria das instituições. ” (GALA, 2003, p. 99). A sua abordagem teórica se preocupa em não se dissociar da realidade e por isso o autor faz questão de apresentar a aplicabilidade de suas ideias ao longo do livro e traz os pontos mais importantes de sua teoria institucionalista: incerteza, custo de transação, instituições e organizações. Ao longo deste capítulo faremos as considerações pertinentes aos itens.

A publicação de *Institutions, Institutional Change and Economic Performance* traz o North que iremos abordar neste trabalho. Neste livro e nos trabalhos que o sucedem teremos a presença ascendente de pontos que ligam North a Veblen. A abordagem dos modelos mentais compartilhados que influenciam no rumo da economia é um desses pontos que consolida a ruptura com a economia neoclássica e o torna mais vebleniano.

3.2 CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA O INSTITUCIONALISMO DE DOUGLASS NORTH

Na primeira seção do livro *Institutions, Institutional Change and Economic Performance* (1990), North faz considerações a respeito das instituições e explica o porquê de elas serem a regra do jogo. Sem regras não existem jogos, ou se existirem não permitem que sejam minimamente previstos os resultados. O papel das instituições para North é muito bem definido e tem sua relevância inquestionável para o desenvolvimento da sociedade, seja por meio da viabilização das trocas ou da criação de um ambiente propício para as relações humanas, afinal de contas as relações comerciais são feitas por pessoas (mesmo que jurídicas) e estão submetidas as diversas personalidades e motivações. A metodologia de North é multidisciplinar composta de estudos a respeito da economia e da história econômica.

Uma estrutura institucional é muito mais abrangente do que a maneira como os poderes são estabelecidos em Brasília (ou em qualquer outra cidade polo das altas estruturas organizacionais dos países), tal arranjo tem traços intangíveis que moldam a vida da população e dizem respeito as regras de convívio social, ou seja, existe um regimento social superior aos impulsos individuais que limitam o campo de atuação dos indivíduos.

Quando as regras de convívio social não são respeitadas cabe as autoridades a utilização de métodos punitivos para estabelecer a ordem, que é essencial para a continuidade de uma tendência importante do ordenamento social: a característica humana se juntar. O homem é um ser social, desde os primórdios existem relatos que os homens viviam em pequenos grupos afim de se proteger de ambientes inóspitos e do desconhecido. Os filósofos têm vários significados para a palavra “sociedade”, e no presente trabalho iremos adotar o seguinte:

Conjunto de indivíduos caracterizado por uma atitude comum ou institucionalizada. Neste sentido, designa tanto um grupo de indivíduos quanto a instituição que caracteriza esse grupo, como acontece nas expressões “Sociedade comercial”, “Sociedade capitalista”. Esse emprego é tão óbvio que em geral não é sequer definido. Às vezes é definido em relação com cultura. (ABBAGNANO, 2007, p. 1082).

A pergunta sobre a força que move as sociedades mais bem-sucedidas não tem resposta simples e envolve vários aspectos que são abordados ao longo dos estudos institucionalistas como: direito de propriedade, custos de transação, teoria dos contratos, posicionamento governamental dentre outros. Para North, o ponto que apresenta uma resposta mais satisfatória, embora não supra 100% dos questionamentos, é a que está atrelada a interação entre as instituições e as organizações, essa relação entrelaçada e multifocal pode explicar os caminhos que levam ao sucesso ou a estagnação ou mesmo retrocesso de uma nação, para o autor sucesso é o resultado apresentado por nações desenvolvidas como EUA e alguns países da Europa Ocidental.

3.2.1 Instituições

“Separating the analysis of the underlying rules from the strategy of the players is a necessary prerequisite to building a theory of institutions.” (NORTH, 1990, p. 05). As instituições têm o papel limitador das ações dos seres humanos, dentro desse limite as pessoas interagem e tentam alargar esses limites impostos pelo ordenamento institucional. “Fundamentally, institutions are considered necessary to the very existence of an orderly, functioning, social and economic system. Institutions are frequently presented as constraining the operation of self-interest and preventing society” (RUTHERFORD, 1996, p. 81).

É possível que algumas pessoas associem a palavra “regras” a castração ou imposição de um comportamento contrário à sua vontade, no entanto não é esse o ponto. “Institutions are broadly understood here as socially shared patterns of behavior and/or of thought.” (DEQUECH, 2009, 70), ou seja, muitos dos comportamentos que em conjunto representam as regras do jogo são adotados de maneira inconsciente, são atitudes das quais os agentes adotam por reflexo (ou por instinto, no sentido vebleniano que exploraremos neste trabalho), sem que seja necessário o dispêndio de tempo para decidir, por exemplo se é apropriado ou não beijar o rosto de uma mulher ao encontra-la ou ao ser apresentado a mesma. Dependendo da sociedade em que se viva o beijo ocorrerá normalmente ou nem mesmo será cogitado.

O que era ignorado pelos modelos neoclássicos tem um papel fundamental para a Nova Economia Institucional. A interação homem e a estrutura institucional tem características semelhantes a vivida em relação do espaço geográfico, onde a todo momento o homem está alterando o espaço, mas precisa se adaptar as limitações impostas pelas leis da física, química e biologia. “Institutional change is a complicated process because the changes at the margin can be a consequence of changes in rules, in informal constraints, and in kinds and effectiveness of enforcement”. (NORTH, 1990, p. 6).

Para Furubotn e Richter (1997) as instituições são compostas por três tipos de organizações: mercado, firma e o Estado. Esses três organismos atuam em busca de uma maneira capaz de maximizar os resultados individuais e os sociais num universo com múltiplos cenários possíveis (incertezas).

The economic problem for neoinstitutionalists is then to determine which institutional arrangement (governance structure, order, or constitution) is “rational”, or economically preferable, under which detailed circumstances. In principle, the institutional solution adopted can be one of the two extreme forms (market or hierarchies) or anything between. (FURUBOTN; RICHTER, 1997, p. 265).

Os custos estão envolvidos nas transações e moldam a maneira como o homem econômico irá se comportar, as instituições nascem no homem econômico, este seria o átomo do organismo múltiplo que são as instituições e entender como as instituições se arranjam e se desenvolvem é uma das preocupações da Nova Economia Institucional.

O desenvolvimento institucional é composto por vários eventos que proporcionam a seleção das instituições mais adequadas para o ordenamento social. As teorias evolucionárias de Darwin, que pregam que o mais forte se sobrepõe ao mais fraco, influenciam os estudos institucionalistas desde Veblen. North (1990) deixa claro que concorda com a analogia feita a teoria evolucionária de que as instituições ineficientes dão lugar as eficientes. A evolução é sentida não apenas no campo econômico, mas também no político e social, Para North (2005) existem três fontes de mudanças econômica nas quais três fatores se destacam: demográfica, estoque de conhecimento e institucional.

As mudanças demográficas são aquelas ligadas ao crescimento da população e a alteração da sua organização no espaço geográfico. As pessoas saíram das zonas rurais e vivem em sua maioria nas cidades, onde o novo ordenamento cria novos problemas e

novas necessidade. A demanda cada vez maior por novas soluções e avanços tecnológicos exigem que o estoque de conhecimento esteja sempre apto a responder aos estímulos da sociedade, principalmente no que tange ao aumento da capacidade produtiva. Um novo desenho demográfico e produtivo da sociedade exige um novo ordenamento institucional que viabilize o desenvolvimento de longo de prazo.

Esse ordenamento institucional é tido como “regras do jogo”, o jogo ocorre de acordo com o ordenamento das regras (formais e informais) estabelecidas institucionalmente. “How the game is actually played depends not only on the formal rules defining the incentive structure for the players and the strength of the informal norms but also on the effectiveness of enforcement of the rules”. (NORTH, 2005, p. 48).

O jogo tem que apresentar resultados, como em qualquer esporte o objetivo é vencer, maximizar os resultados. Saindo da linguagem esportiva e voltando para a econômica: “The structure that humans create to order their political/economic environment is the basic determinant of the performance of an economy” (NORTH, 2005, p. 48). Sem uma boa estrutura os bons resultados são inviabilizados.

O que sustenta o sistema institucional de uma sociedade é a crença social, caso as crenças sofram alterações os reflexos serão sentidos imediatamente pelas instituições. “Belief system therefore are the internal representation and institutions the external manifestations of that representation” (NORTH, 2005, p. 48). Pelas ideias de North as instituições e o sistema de crenças tem uma relação tão intrínseca que chegam a se confundir.

3.2.2 Cultura

Desde o homem primitivo a ideia de que viver em comunidade era melhor do que individualmente foi consolidada e moldou a formatação dos códigos informais de convivência, a história da vida em sociedade é a história da colaboração. Por maiores que sejam os anseios por benefícios individuais a necessidade de cooperação não deixou de ser um grande traço da linha invisível que prende todos os membros da sociedade.

A cultura de um povo é reflexo de interação estímulos externos e respostas oferecidas. É o estágio incipiente do que através das crenças, nos ordenamentos formais

e informais, resultará nas instituições de uma sociedade. Para North analisar a cultura é um desafio porque a informalidade, ou seja, a ausência de regimentos escritos, exige uma maior capacidade de entendimento das relações sociais. A pergunta realizada pelo autor pondera sobre esta inquietação: “Where do informal constraints come from? They come from socially transmitted information and are a part of heritage that we call culture.” (NORTH, 1990, p. 37).

A cultura de um povo é passada de geração para geração e em muitos casos da nossa história ela resiste a situações das mais adversas, como as guerras e invasões de nações estrangeiras, que mesmo com grande aparato não conseguem quebrar as ligações locais que fazem que determinada comunidade mantenha os seus traços de integração. Dentro das diversas sociedades que existem no mundo algumas são mais flexíveis que outras, apresentam dinâmicas diferentes e por isso têm instituições com suas peculiaridades. Entender a razão dessas diferenças é um dos pontos centrais do trabalho de North.

O cenário mundial tem as mais diversas formas de organização com costumes, credos, cores, traços físicos e financeiros diferentes, mesmo quando as distâncias geográficas não são muito grandes, como por exemplo Portugal e Marrocos os arranjos institucionais e culturais podem ser muito diferentes. O ordenamento político de um país molda e é moldado pela sociedade a qual o mesmo serve, por isso não causa surpresa que em alguns países certos costumes sejam passíveis de condenações brutais (como a pena capital) em alguns países e em outros nem se quer sejam considerados crime.

3.2.3 Regras

A medida que as sociedades atingem maiores graus de especialização e divisão do trabalho, o grau de impessoalidade aumenta consideravelmente levando a um maior nível de complexidade das relações, por isso temos um maior número de regulamentos e normas estabelecidos numa estrutura formal do que em sociedades com um maior nível de pessoalidade, que tendem a preservar um maior grau de informalidade.

Geralmente não temos uma situação onde existe apenas um tipo de arcabouço de regras, o mais comum é que os arranjos formais e informais interajam nas sociedades

numa relação de influência mútua, sendo que quão maior for o nível de desenvolvimento econômico maior será a presença da formalidade nas relações.

As regras formais têm um papel fundamental para propiciar o desenvolvimento econômico e viabilizar a administração da incerteza. Os contratos representam a principal ferramenta para limitar o campo de ação das partes envolvidas, funcionando como uma lei entre as partes. Os acordos bi ou multilaterais devem adequar-se a hierarquia constitucional do (s) país (es) envolvido (s) e buscar moldar as atitudes dos agentes signatários facilitando a negociação e viabilizando o aumento da escala comercial além de agilizar a solução de possíveis conflitos.

O Estado tem um papel fundamental no desenvolvimento das regras formais de convivência em sociedade, e ganha um papel ainda mais específico quando alguns grupos passam a ser mais representativos e influentes do que outros juntos aos legisladores. “This model of the polity becomes one step more complicated when we introduce the concept of a representative body reflecting the interests of constituent groups and their role in bargaining with the ruler” (NORTH, 1990, p. 49).

O problema do aumento da influência de alguns junto aos responsáveis pelas formulações de leis é que as regras formais passam a não ser mais frutos de uma interação social, ou seja, resultado de um acordo entre os mais diversos setores e pode passar a ser um instrumento de institucionalização de um ordenamento favorável ao interesse de grupos que conseguiram estabelecer maior poder de barganha no cenário político. Por isso a manutenção da postura favorável à manutenção/criação de regras favoráveis ao desenvolvimento deve ser uma preocupação do Estado.

Voltando ao cenário onde o ordenamento legislativo está a favor do melhor ordenamento social iremos utilizar um exemplo pertinente sobre a implantação de regras que foi dado por Hodgson em 1994 e que exemplifica que a força das regras formais pode promover mudanças favoráveis ao ordenamento social. Ao explicar a respeito da lei instituída em 1983 que tornava obrigatório o uso do cinto de segurança na Grã-Bretanha, o autor relembrou que a utilização deste item de segurança não era adotada por grande parte da população, mas após a publicação desta lei gradativamente o hábito da população se alterou apenas uma pequena minoria não seguiu a nova normativa.

O que gerou essa mudança? Hodgson (1994) desenvolve o seu raciocínio trazendo alguns possíveis motivos para essa alteração de comportamento: aplicação de

multas, reprovação dos outros membros da sociedade e/ou bons resultados de campanhas educativas. No entanto, antes da lei esses motivos já poderiam ter conduzido a adoção da utilização do cinto de segurança (com exceção da aplicação de multas), mas isso não aconteceu, por isso o autor acredita que a lei gerou tal resultado.

A explicação mais convincente é que a própria lei tem uma poderosa influência legitimadora sobre os condutores. Por conseguinte, os seus objetivos e preferências mudaram, de facto, a favor de uma conduta mais segura. A autoridade da lei não teve só o efeito de alterar o comportamento pela introdução de multas ou pela percepção dos custos e benefícios. Além disso, mudou os próprios indivíduos e os seus objetivos. A prática do uso de cinto de segurança incorporou-se nos hábitos e é racionalizada pela convicção generalizada de que contribuem para reduzir as lesões e as causas de morte. (HODGSON, 1994, p. 139)

Ao trazermos o exemplo dado por Hodgson retratamos as instituições concretas, que estão descritas em códigos de leis e condutas que normatizam a vida em determinadas sociedades, mas as informais também regulam as regras de convivência entre os grupos sociais. Assim as regras do jogo serão divididas em pelo menos dois grupos, aquelas que cujos os agentes seguem sem a necessidade de pressões explícitas para a sua adoção, as chamadas autoaplicáveis e as que necessitam de pressões e punição aos que se recusarem a segui-las. O ponto em comum é que ambas têm capacidade de influenciar o modo de vida das pessoas.

3.2.4 Organizações e o processo de mudança

Dentro que qualquer sociedade que respeite os requisitos mínimos de democracia, teremos pessoas com opiniões diferentes sobre diversos temas convivendo em um mesmo espaço, quando alargamos as proporções de agrupamentos menores para bairros, cidades, estados ou países essas diferenças crescem ainda mais. Devido interesses similares grupos de interesses afins tendem a se formar em busca de maior representatividade e força.

North destaca que é importante entendermos a diferença entre organizações e instituições. Todas as sociedades são compostas pelas mais diversas organizações, como as citadas pelo autor (partidos políticos, senado, prefeitura, agências reguladoras, empresas, sindicatos, cooperativas, escolas, universidades dentre outras). Todos esses

agrupamentos existem devido objetivos comuns entre os seus membros que se juntam para terem mais força perante a sociedade civil e/ou Estado.

Tais agrupamentos acabam por influenciar a evolução das instituições. “It is the interaction between institutions and organizations that shapes the institutional evolution of an economy. If institutions are the rules of the game, organizations and their entrepreneurs are the players” (NORTH, 1994, p. 361). No entanto, a alteração pretendida tende a ser maior do que a obtida, uma vez que em um regime democrático muitas áreas precisam ser convencidas para que haja um ajuste mínimo de interesses.

A motivação que leva os indivíduos a se juntarem em organizações é a de maximizar a sua capacidade de alterar as regras institucionais, porque atuando em conjunto a influência é maior do que quando age-se individualmente. Trata-se de uma estratégia para vencer o jogo.

Equally important is the fact that informal constraints that are culturally derived will no change immediately in reaction to changes in the formal rules. As a result the tension between altered formal rules and the persisting informal constraints produces outcomes that have important implications for the way economies change. (NORTH, 1990, p. 45)

Ficou claro que o processo de mudança não depende apenas das organizações, North indica que o ponto principal para viabilizar o entendimento do processo de mudança: “The key to building a foundation to understand the process of economic change is beliefs – both those held by individuals and shared beliefs that form belief system.” (NORTH, 2005, p. 83). O entendimento do processo de desenvolvimento humano requer que vários aspectos sejam estudados, dentre eles a evolução física dos espaços geográficos e o nível do estoque de conhecimento.

3.2.5 Custos de Transação

A teorização dos custos de transação representa um importante ponto de ruptura com a teoria neoclássica. Os mercados perfeitos são deixados para trás e a abordagem institucional firma-se no terreno da concorrência imperfeita. A transação é o principal foco da Nova Economia Institucional, e cada transação tem custos diretamente

proporcionais ao nível de incerteza. “Cooperation is difficult to sustain when the game is not repeated (or there is an end game), when information on the other players is lacking, and when there are large numbers of players” (NORTH, 1990, P. 12). Em um ambiente com alto grau de incerteza o estímulo a cooperação é pífio.

O homem econômico estudado por North nem sempre porta-se de maneira cooperativa para o bem estar comum e em algumas situações tende a apresentar comportamentos moralmente questionáveis motivados por ações conscientes com a finalidade de benefícios individuais e indevidos e/ou por interpretações de cenários realizadas de maneira incorreta “individuals act on incomplete information and with subjectively derived models that are frequently *erroneous*; the information feedback is typically insufficient to correct these subjective models” (NORTH, 1990, p. 16).

No modelo neoclássico essa preocupação não existe, pois as informações são simétricas, o oportunismo não existe, o mercado funciona em um sistema de auto ajuste conduzido pelo *laissez faire, laissez passer*. Ideia essa refutada pelo Institucionalismo, que considera tal posicionamento um erro crasso da teoria neoclássica julgar o mercado como sendo perfeito e desconsiderando os custos de transação. “The costs of transacting arise because information is costly and asymmetrically held by the parties to exchange and also because any way that the actors develop institutions to structure human interaction results in some degree of imperfection markets.” (NORTH, 1990, p. 108).

O nível de informação disponível no mercado impacta diretamente no custo de transação, os agentes econômicos ao negociar no mercado precisam lidar com a assimetria de maneira recorrente. “Market transaction costs consist primarily of information and bargaining costs. Information costs are clearly important, but the magnitude of bargaining costs should not be underestimated”. (FURUBOTN; RICHTER; 1997, p. 42-43).

A ausência de informações favorece a perpetuação de estruturas ineficientes de mercado, para diminuir os transtornos o estabelecimento de instituições (regras) apropriadas para a promoção de um ambiente fluido será uma característica comum as sociedades mais desenvolvidas. “As sociedades que mais se desenvolvem ao longo do tempo, portanto, são as que conseguem construir mecanismos institucionais que reduzem os custos das transações realizadas pelos indivíduos em uma economia de mercado” (BUENO, 2004, p. 782).

A análise de North ratifica que o principal ponto de condução ao desenvolvimento econômico está nas instituições, para o autor o modelo econômico ideal é aquele em que as instituições econômicas promovem incentivos para que indivíduos e organizações produzam atividades produtivas de maneira eficiente.

A incerteza eleva o custo de transação e quando os patamares baixos são atingidos a tendência é que se promova um ambiente propício as inovações. O entendimento a respeito do custo de transação é de fundamental importância para entender a abordagem da Nova Economia Institucional. Ao longo da história econômica, seja por meio de novas tecnologias, novos mercados, novas matérias-primas, diminuição da incerteza ou especialização do trabalho, podemos observar que a busca pela diminuição dos custos tem sido constante. North destaca quatro pontos que contribuem significativamente para a eficiência das transações:

1. measuring the multiple valuable dimensions of a good or service;
2. the protection of individual property rights;
3. the integration of the dispersed knowledge of a society;
4. the enforcement of agreements. (NORTH, 2005, p. 158)

As relações econômicas são fortemente matematizadas e a relação de custo de oportunidade é estudada em tempo integral. As relações mais impessoais dependem ainda mais de um alto grau de obediência aos contratos, como em muitas situações não há necessidade de se conhecer pessoalmente o parceiro comercial para que os contratos sejam viabilizados as partes precisam ter crença que o que se acordou será cumprido, caso isso ocorra as relações poderão ser repetidas por tempo indeterminado com vantagens para os envolvidos e para a sociedade em geral.

Caso o contrário ocorra, comportamentos oportunistas e gananciosos comprometam o fluxo comercial, a consequência será a redução do bem-estar social. Quando uma das partes decide não cooperar ou comportar-se de maneira oportunista o benefício marginal obtido desse comportamento será baseado na deterioração do bem-estar do parceiro comercial e a perenidade da relação é comprometida. Podemos observar esse raciocínio nas palavras de North:

If the game continues indefinitely, it usually pays the parties to live up to the terms of exchange, because the gains from successive iterations exceed the benefits that could be derived from a single defection, from “running off with the profits”.[...]If there is an end of the game or people believe that the game might end, then indeed the discount rate may enter in to determining whether

it is worthwhile continue to cooperate. The smaller the probability of continuing for another round, the greater must be the payoffs to sustain an equilibrium; also, the greater the possibility of short-run gains, the greater must be payoffs. Note that if the game runs continuously, there are still transaction costs, because one must still acquire information about the other party. (NORTH, 1990, p. 56)

Como podemos observar os benefícios da cooperação são maiores do que os ganhos do oportunismo, pois quando os agentes matematizam os custos de transação em ambientes de alto grau de incerteza sabem que estes podem inviabilizar as operações. A lógica de North é simples de entender “when the parties acquire perfect information and the game both last indefinitely into the future and is played between the same parties, one can reach self-enforcing cooperate solutions” (NORTH, 1990, p. 57). Mesmo assim informações privilegiadas podem ser utilizadas das mais diversas formas demonstrando que mesmo com os benefícios da cooperação nem sempre os agentes optam por seguir esse caminho.

Consciente das variações morais e éticas as quais os agentes econômicos estão submetidos North faz considerações a respeito do *enforcement*, para que os agentes se sintam na obrigação de cumprir o que foi acordado (caso inexista ou seja insuficiente a obrigação moral de integridade e honestidade no cumprimento dos acordos), as instituições devem estabelecer sanções, no entanto esse Estado forte e coercitivo deve respeitar os limites da legalidade e respeito aos direitos de propriedade e civis. O autor destaca dois pontos, o primeiro é estabelecer de forma clara que sanções serão estabelecidas em razão de comportamento inadequado, e em segundo que a penalidade aplicada no indivíduo apresentará um benefício para a sociedade.

Não basta que as instituições façam uso de mecanismos cujos os efeitos fiquem restritos aos agentes envolvidos, o benefício da penalidade deve ser para todos, uma vez que a sociedade é prejudicada cada vez que o ambiente de cooperação é prejudicado. “It should be stressed that creating an institutional environment that induces credible commitment entails the complex institutional framework of formal rules, informal constraints, and enforcement that together make possible low-cost transacting” (NORTH, 1990, p. 58).

Para que as regras passem a ser leis e tenham um caráter compulsório é necessário o estabelecimento de estrutura que tenha poder de fiscalizar e punir procedimentos ilegais e tudo isso envolve dispêndio de recursos. A manutenção das

instituições é um custo social decorrente da necessidade do estabelecimento de normas de cooperação.

É notório, mais uma vez, que os problemas causados pela incerteza aumentam os custos de transação. North (1990) aborda também sobre os custos que decorrem da necessidade de acompanhar o atendimento as leis e as promessas de comercialização de itens de acordo com as especificações acordadas. A despesa com a fiscalização do contrato é diretamente proporcional do montante financeiro envolvido nele, pois em uma relação comercial o vendedor tem mais informações relevantes sobre o produto que o comprador e essa disparidade de informações pode abrir espaço para a obtenção de vantagens indevidas.

North está certo de que os custos de transação representam um problema que compromete a possibilidade de expansão dos mercados e das vantagens das transações mais fluidas, sabe também que cenários otimistas em excesso onde o custo de transação fosse zero são utópicos, mas insiste em afirmar que o caminho para um institucionalismo que proporcione melhores resultados de longo prazo é aquele onde as inovações são estabelecidas com o propósito de aumentar a eficiência do mercado e para isso apresenta quatro pontos essenciais para viabilização desse cenário:

1. The affected parties must have the information and correct model to know that the bill affects them and to know the amount of gains or losses they would incur. 2. The results can be communicated to their agent (the legislator) who will faithfully vote accordingly. 3. Votes will be weighted by the aggregate net gains or losses so that the net result can be ascertained and the appropriately compensated. 4. This exchange can be accomplished at a low enough cost of transaction to make it worthwhile. (NORTH, 1990, p. 109).

Ao longo de *Undersantanding the Process of Economic Change*, North (2005) faz uso recorrente da palavra *puzzle*, em português quebra-cabeça, e uma peça importante para montar esse *puzzle* é entender que os fundamentos nos quais se baseia uma sociedade são os mesmos que irão construir o comportamento dos agentes econômicos. “The institutional structure that has evolved determines who the strategic actors are and how they can effect their choices” (NORTH, 2005, p. 74).

O aumento do estoque de conhecimento tem papel de protagonista no aumento do nível de racionalidade, esse conhecimento deve apresentar como características a precisão e a variedade para que permita a existência do maior número possível de habilidades e em um nível de excelência. A especialização contribui para a

redução de um dos gargalos do crescimento econômico: a incerteza. O autor apresenta cinco maneiras de viabilizar tal tarefa:

1. Uncertainty that can be reduced by increasing information given the existing stock of knowledge.
2. Uncertainty that can be reduced by increasing the stock of knowledge within the existing institutional framework.
3. Uncertainty that can be reduced only by altering the institutional framework.
4. Uncertainty in the face of novel situations that entails restructuring beliefs.
5. Residual uncertainty that provides the foundation for “non-rational” beliefs. (NORTH, 2005, p. 17)

North apresenta a composição de um cenário ideal para um mercado eficiente: instituições que promovam a mobilidade dos fatores, ciclo produtivo ininterrupto, progresso de conhecimento e tecnologia, permissão para livre acesso ao mercado dentre outros pontos positivo. Na contramão apresenta também os pontos que o impedem de atingimento desse cenário: imperfeições do mercado com tendência a concentração de capital e tecnologia, baixa dinamicidade no mercado, estruturas conservadoras satisfeitas com as atuais estruturas de mercado.

Perfect measurement and enforcement are implicitly assumed in what we call efficient factor and product Market, but their existence entails a complex set of institutions that encourage factor mobility, the acquisition of skills, uninterrupted production, rapid and low-cost transmission of information, and the invention and innovation of new technologies. Realizing all these conditions is a tall order never completely filled because, as with the institutions of exchange described above, the actual institutional framework is in fact usually mixed bag of institutions that promote such productivity-raising activities and institutions that provide barriers to entry, encourage monopolistic restrictions, and impede the low-cost flow of information. (NORTH, 1990, p. 64).

3.2.6 Tomada de decisão

O futuro do homem depende da racionalização das decisões. Os efeitos das decisões dos agentes econômicos, por mais que sejam estudadas e simuladas exaustivamente terão que lidar com a incerteza. Inovações oriundas de novas técnicas e/ou dos avanços podem causar impactos gigantescos no ordenamento institucional de

uma sociedade. O ótimo exemplo utilizado por North é o efeito que os automóveis causaram na sociedade, dificilmente Ford poderia imaginar o tamanho da revolução que iria promover. A raiz da incerteza está na imprevisibilidade do futuro, “to know the future we would have to know today what we will know tomorrow” (NORTH, 2005, p. 21).

O estudo da tomada de decisões leva North (1990) a opor-se mais uma vez aos pressupostos neoclássicos, neste os agentes econômicos dispunham de todas as informações necessárias para a tomada de decisões e as faz com racionalidade. Quando analisamos as relações humanas e as suas crenças entendemos que o comportamento humano nem sempre pode ser explicado por vias racionais. Fundamentalismo religioso, racismo, superstições e outros posicionamentos movem os homens a atitudes diversas. Tais aspectos influenciam nas decisões econômicas do homem fazendo com que nem sempre os custos econômicos de uma determinada decisão sejam o aspecto final que vá influenciar a decisão final.

O aumento da eficiência das decisões é obtido por meio do aumento do estoque de conhecimento, por isso o incentivo a educação como propulsor do desenvolvimento está alinhado com as ideias da Nova Economia Institucional. A escola livre de ideologia tem um papel fundamental no desenvolvimento do conhecimento puro (North aborda dois tipos de conhecimento: o tácito, aquele apreendido pela experiência e o puro adquirido pelas vias escolares), mesmo sabendo que nem todo o investimento em educação poderá necessariamente ser convertido em ganhos econômicos os seus benefícios são enormes.

Para North (1990) um ponto que pode atrapalhar o desenvolvimento do conhecimento puro é a disseminação de ideologias, à medida que os estudos avançam as maneiras de ver o mundo sofrem modificações e as várias percepções pessoais podem ganhar um peso maior do que deveriam, com isso podem surgir problemas como a intolerância e dificuldade de conviver com as minorias. Quando as ideologias tomam conta das escolas os malefícios são enormes para a sociedade. “People’s perception that the structure of rules of the system is fair and just reduce costs; equally, their perception that the system is unjust raises the costs of contracting (given the costliness of measurement and enforcement of contracts).”(NORTH, 1990, p. 76). A história nos deu vários exemplos de que ideologias extremistas produzem sérios danos a sociedade.

Apesar da consciência dos malefícios das ideologias, “não há escolha racional perfeita porque as ideologias moldam a forma como os indivíduos tomam as decisões.” (AZEVEDO, 2015, p. 157). Consciente dessa característica North vai buscar conhecimento a respeito da formação do pensamento do homem na psicologia e assim entender como a mente funciona e interfere na capacidade de adaptação e tomada de decisão do agente econômico.

Em *Institutions, Institutional Change and Economic Performance* North (1990) não faz nenhuma citação as contribuições da psicologia, no entanto passa a realizar várias ao longo do livro *Understanding the process of economic change* (2005). Infere-se dessas citações que para o autor não é viável realizar estudos a respeito do funcionamento da mente humana sem fazer uso das contribuições da psicologia.

The most important contribution of the evolutionary psychologist is explicating the underlying inference structure of the mind that appears to account for the predisposition of the mind to entertain and construct “non-rational” beliefs such as supernatural explanations and religions that underlie so much of the decision framework of individuals, groups, and organizations in societies. (NORTH, 2005, p. 29-30)

Os estudos cognitivos contribuem no entendimento das transformações socioeconômicas, principalmente no que tange a capacidade adaptativa dos agentes econômico, que vai variar de acordo com a cultura social, uma vez que esta é formada pelas experiências anteriores e que enraízam as crenças da maioria dos membros de uma determinada sociedade.

Uma decisão tomada nos Estados Unidos ou em outro país desenvolvido e em um país subdesenvolvido leva em consideração aspectos diferentes e em ambos os cenários não existe garantia de acerto. Assim, não podemos concluir que as decisões tomadas por sociedades desenvolvidas não estejam suscetíveis a erros, muito pelo contrário, o ser humano não tem capacidade cognitiva de realizar uma análise onde todos os itens que podem vir a influenciar o seu futuro sejam levados em consideração, o erro é um companheiro das escolhas humanas.

A racionalidade limitada e o acesso incompleto as informações aumenta muito as chances de que a tomada de decisão conduza os agentes a um caminho errado. A incerteza é inerente a economia, e a cada novo cenário, novos arranjos serão testados, destes alguns serão bem-sucedidos e outros não. Apesar disso, as escolhas humanas

continuam a ocorrer a todo momento e são baseadas nas crenças, essas surgem com características individuais, mas tornam-se coletivas numa relação bilateral de influência.

Todas as crenças sociais tiveram início com uma crença individual que ganhou força por meio da aceitação social tornando-a uma verdade para a coletividade que nela crê, nem todas terão o mesmo caminho e algumas continuarão como individuais e outras desaparecerão. Um grande problema ocorre quando uma crença errada ou uma percepção de mundo que não corresponde à realidade passa a vigorar como um paradigma social, nesses casos grandes problemas podem ocorrer, como foi o caso da União Soviética.

Previamente outros autores já haviam trabalhado o tema da limitação cognitiva do homem econômico, Simon (1957) apresentou avanços a respeito do entendimento da limitação da racionalidade, para o autor não há condições racionais para que o homem possa tomar decisões analíticas e completas por estarmos inseridos em um mundo complexo, do qual muitas vezes realizamos julgamentos com base em nossa percepção sem termos acesso a informações completas sobre o mundo que nos rodeia. Somente em ambientes simples e previsíveis, a limitação da racionalidade humana não é um problema, à medida que os ambientes ficam mais complexos a impossibilidade de previsão de eventos futuros torna a racionalidade limitada um problema.

O oportunismo pode ser definido como “a transmissão de informação seletiva, distorcida, promessas “auto desacreditadas” sobre o comportamento futuro do próprio agente, isto é o agente em questão estabelece compromissos que ele mesmo sabe a priori que não irá cumprir” (FIANI, 2002, p. 271). No entanto, para o autor não se deve considerar como uma atividade escusa ou classificar como má fé a astúcia característica de algumas pessoas para identificar oportunidades de bons resultados, oportunismo está ligando à utilização da manipulação de informações visando à apropriação de fluxo de lucro por meio de alternativas que prejudicam o equilíbrio do mercado.

Para que o mercado tenha um funcionamento mais equilibrado as instituições desempenham um papel fundamental: o de promover a estabilidade. O estoque de conhecimento vai influenciar o processo de tomada de decisão, pois quão maior for o nível de conhecimento maior tende a ser a qualidade das decisões. Instituições eficientes e estoque de conhecimento promovem um arcabouço que funciona como um farol na economia possibilitando um sistema de orientação que diminui as incertezas.

3.3 PERPETUAÇÃO DA INEFICIÊNCIA

Para North não basta o crescimento econômico, o mesmo deve ser acompanhado pelo desenvolvimento social. Para tal conquista o aumento do estoque de conhecimento é o meio mais eficaz a ser utilizado, uma população sem educação não consegue se desenvolver. “The complex interplay between the stock of knowledge, institutions, and demographic factors that shapes the process of economic change” (NORTH, 2005, p. 78). Mantendo a analogia com o mundo dos esportes, podemos entender os resultados dos jogos pelo comportamento dos jogadores.

Economic change consist of a change on the material and physical well-being of humans broadly conceived to include change that can be quantified not only in national and personal income data, in physical measures of human well-being, but also in the less precisely measured but important aspects of human well-being embodied in non-market economic activity. (NORTH, 2005, p. 78).

Um ponto ao qual devemos ater nossa atenção é que a cultura transmitida entre as gerações vai ter um forte impacto na formação do estoque de conhecimento. O valor dado a inovação, tecnologia e educação tem uma ligação direta com o desenvolvimento econômico e social de longo prazo de uma sociedade, não existe possibilidade de dissociá-los. Um bom exemplo do impacto positivo que o estoque de conhecimento provoca nas instituições vem dos Estados Unidos, onde a valorização da educação e tecnologia é grande, temos um ordenamento institucional formal oriundo do Congresso Nacional que proporciona um baixo custo de transação para o mercado americano.

Apesar de reconhecermos os méritos do congresso americano ao estabelecer uma legislação que propicia baixos custos de transações, não podemos esquecer que existe uma forte atuação dos lobbies, ou seja, existe a influência de interesses particulares nas as decisões congressistas. Para evitar que os interesses particulares se sobreponham aos sociais é necessário que exista um corpo jurídico confiável e ético para que seja possível preservar os direitos básicos da sociedade e assim estabelecer uma banda de flutuação na qual os legisladores possam atuar.

Em países subdesenvolvidos, onde existe uma tendência a se observar maiores níveis de corrupção, suborno e extorsão do que em países desenvolvidos, a atuação dos legisladores sofre de um mal que sentencia o país ao atraso, pois as decisões estão direcionadas para os interesses de uns poucos privilegiados, geralmente com mentes retrogradadas, e que inviabilizam o caminhar pela rota que conduz ao desenvolvimento sócio econômico.

Além dos interesses econômicos influenciarem as decisões econômicas, as ideologias também representam um ponto de atrito entre os formuladores de políticas. No caso de regimes democráticos representativos temos uma série de crenças habitando o mesmo espaço, neste a unanimidade é um evento raro, e por isso o voto da maioria deveria ser respeitado, pois tende a ser fruto de um processo de convencimento baseado em argumentos racionais (ou pelo menos deveria ser).

Apesar de ser defensor do sistema democrático, North (2005) tem a clara ideia de que isso não é condição suficiente para o desenvolvimento econômico, assim como a moralidade nas relações, pois muitas vezes a persistência em adotar um sistema de normas ineficientes inviabiliza o crescimento econômico e social. Felizmente, devido ao caráter evolutivo da economia nenhum ordenamento institucional está condenado a manter as mesmas características indefinidamente, por isso North expõe possíveis razões que impulsionam as mudanças:

How do institutions themselves change? Five propositions about institutional change are

- 1- The continuous interaction between institutions and organizations in the economic setting of scarcity and hence competition is the key to institutional change.
- 2- Competition forces organizations to continually invest in skill and knowledge to survive. The kinds of skill and knowledge individuals and their organizations acquire will shape evolving perceptions about opportunities and hence choices that will incrementally alter institutions.
- 3- The institutional framework provides the incentives that dictate the kinds of skill and knowledge perceived to have the maximum pay-off.
- 4- Perceptions are derived from the mental construction of the players.
- 5- The economies of scope, complementarities, and network externalities of an institutional matrix make institutional change overwhelmingly incremental and path dependent. (NORTH, 2005, p. 59).

As argumentações utilizadas para explicar as diferenças entre o mundo desenvolvido e o subdesenvolvido não podem mais se ater aos pilares de outrora, escassez de recursos ou sucessão de eventos climáticos adversos não explicam o

subdesenvolvimento econômico (os países do Oriente Médio são exemplos de como lidar com as condições adversas), embora North deixe claro que os fatores históricos influenciam no estágio atual das sociedades, ele por si só é insuficiente para explicar o nível atual.

A aplicação do estoque de conhecimento e das tecnologias é crucial para entender a disparidade de desenvolvimento no mundo, com uma pesquisa muito rasa podemos exemplificar alguns países da África Subsaariana citados por Fernandes (2010) como exemplo, nestes uma pequena e privilegiada parte da população vive cercada de um excelente padrão de vida resultado de uma enorme concentração de renda enquanto a maior parte da população não tem acesso se quer a água potável, tem expectativa de vida muito baixa e enfrentam problemas de escassez que países desenvolvidos resolveram há séculos. Um dos reflexos de tal situação é apresentado pelo relatório referente ao ano de 2016 da Organização Mundial de Saúde ao retratar as mais baixas a expectativa de vida no mundo: Serra Leoa (50,1 anos), Angola (52,4), República Centro-Africana (52,5), Chade (53,1), Costa do Marfim (53,3), Lesoto (53,7) e Nigéria (54,5).

Para combater a estagnação muitas vezes as organizações econômicas sentem a necessidade de mudança e realizam as adaptações necessárias para sobreviver em um mundo globalizado e competitivo, mesmo antes das formalizações vindas do governo, pois nesse campo temos uma batalha de interesses diversos onde muitas vezes os prejudicados pelas mudanças a serem promovidas bloqueiam os avanços das propostas.

Em “The Problem of the Social Cost”, Coase (1960) faz uma série de observações a esse respeito, exemplificando os impactos das ações das empresas, ou de pessoas físicas, na vida de terceiros. A dinâmica gerada pelas alterações é a busca por um novo ponto de equilíbrio para todos os envolvidos. “We are dealing with a problem of a reciprocal nature. To avoid the harm to B would inflict harm on A. The real question that has to be decided is: should A be allowed to harm B or should B be allowed to harm A? The problem is to avoid the more serious harm.” (COASE, 1960, p. 2)

O problema é que um mercado atrofiado por problemas como o exposto por Coase tem paradigmas ultrapassados e envelhecidos comprometem a competitividade do mercado em uma estrutura onde tempo é dinheiro. As economias que não querem perder o *time* das mudanças devem manter-se atentas as instituições que demonstrem flexibilidade frente aos estímulos de inovações, respeito aos direitos de propriedade e ao

estado de direito. North apresenta quatro pontos fundamentais para a manutenção de mercados eficientes:

1. Alterations in the performance characteristics of a Market require an initial understanding of source(s) of such change.
2. “Successful” alterations designed to improve market performance require the correct theory of the overall process of change.
3. Implementing that correct theory entails that the key player (that is entrepreneurs in a position to alter that market structure) possess such theory and are willing and able to act upon it.
4. Where the alterations entail changes that must be enacted by the polity, there is an additional hurdle in enacting such political policies. This additional hurdle is that the existing institutional structure will have spawned organizations with a stake in that existing institutional structure and such organizations will attempt to thwart the changes. (NORT, 2005, p. 125)

Mesmo com todas as lições dadas pela história econômica a disparidade entre as nações é imensa, as vezes dentro de um mesmo país temos realidades opostas. O IBGE (2015) divulgou um estudo sobre a contribuição dos municípios brasileiros para a composição do PIB de 2013, dos 5.570 daquele ano a produção de apenas 7 correspondia a 25% do PIB enquanto a de 1.388 correspondia a 1%. O que deixa claro a desigualdade e concentração de renda dos municípios brasileiros. Entretanto a regionalização do desenvolvimento não é exclusividade de países em desenvolvimento, podemos citar a Itália cujo o sul tem um atraso considerável em relação ao norte do país. A história humana avançou muito, mas o mundo está cheio de miseráveis e de estagnação econômica.

Yet more than a billion people around the Earth still exit on less than one dollar a day and more than two-and-a-half billion on less than two dollars a day; stop-and-go growth still characterizes most of Latin America; Japan has been mired in stagnation; Indonesia is in a precarious position vis-à-vis surviving as an entity. On face of it this is puzzling. We not only know the conditions underlying successful economic growth – the new growth economics spells them out – but we even know the kind of institutions necessary to undergird successful economic growth. (NORTH, 2005, p. 155)

Esse ponto do estudo de North já o leva a concluir que o desenvolvimento econômico não é atingido pela soma de conhecimento e tecnologia, o que nos deixa distantes do entendimento completo a respeito das razões do crescimento, os dilemas persistem a respeito de: "the movement from personal to impersonal exchange, the complex interdependent, institutional structure that characterizes the modern human environment, and non-ergodic world." (NORTH, 2005, p. 156)

O controle da informação é principal meio para que estruturas ultrapassadas sejam mantidas em alguns países, geralmente a corrupção está presente na maioria das relações entre os privilegiados preocupados em manter os mesmos níveis de produção ou em pequenas variações. Geralmente esse círculo vicioso de atraso econômico é encerrado por meio de crises que promovem uma reestruturação das instituições, o nascimento do desejo de um novo reordenamento começa nas relações informais que insatisfeitas com os resultados provem as condições necessárias para a alteração do ordenamento formal, em estruturas ditatoriais esse processo é mais longo devido ao uso de meios violentos para contrair manifestações contra o sistema.

Um dos maiores desafios de qualquer país é desenvolver um mercado eficiente, o Vale do Silício nos Estados Unidos é um exemplo espetacular de uma estrutura eficiente de mercado. Tal estrutura deveria ser perseguida pelos governos ao oferecer aos agentes econômicos os incentivos corretos para que os custos de transação fossem reduzidos, no entanto nem sempre o governo é parte desinteressada nas relações econômicas e por isso pode não ter interesse em desenvolver um determinado mercado e junto com as demais estruturas institucionais pode atrasar o desenvolvimento dos mercados e mesmo quando o governo tem o interesse em contribuir para o que o mercado se torne mais eficiente as instituições mudam em um ritmo muito menor que a economia e a estrutura de mercado que exigirá dos agentes uma constante alteração de comportamento.

The message of this book is that you have to understand the process of economic growth before you can improve performance and then you must have an intimate understanding of the individual characteristics of that society before you are ready to try change it. Then you must have an understanding of the intricacies of institutional change to be effective in undertaking that change. (NORTH, 2005, p. 165)

4 SIMETRIAS E ASSIMETRIAS ENTRE THORSTEIN VEBLEN E DOUGLASS NORTH NO ESTUDO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

O quarto capítulo do trabalho será iniciado com a resposta a uma pergunta recorrente quando avançamos nos estudos a respeito da economia institucional: O que se deu com as ideias institucionalistas de Thorstein Veblen? Sabemos que o Institucionalismo apresentou oscilações consideráveis em relação ao interesse por sua temática entre a morte de Veblen e ascensão das ideias de North. Nesta parte do trabalho

iremos levantar pontos relevantes no entendimento do processo que levou as ideias do Antigo Institucionalismo à corrente que mais tarde seria denominada Novo Institucionalismo.

Apesar de tanto Veblen como North termos discordâncias claras com a teoria neoclássica a maneira como North conduz a sua argumentação lhe permitiu fazer uso de consideráveis contribuições desta corrente consagrada na academia. A maneira como North conduziu a Nova Economia Institucional, pacificando as relações com a economia neoclássica foi um ponto relevante para que a corrente defendida pelo autor encontrasse uma academia mais receptiva.

Tendo posto esses pontos, o capítulo traz os pontos que levam a teoria de North a guinar rumo o Institucionalismo Evolucionário. O crescimento da abordagem psicológica, o destaque aos hábitos e instintos são figuras centrais na alteração de foco de North, com isso as ideias de que influenciaram Veblen muitos anos atrás passam a influenciar North. A teoria darwiniana da evolução das espécies passa a encontrar espaço não só em Veblen como também em North.

Muito do que North aborda após o ano de 1990 a respeito do desenvolvimento econômico pode ser encontrado nas abordagens veblenianas a respeito do comportamento evolutivo da sociedade, a atenção dada ao comportamento humano em North é um ponto que merece ser destacado para que seja entendido o estabelecimento das instituições que nascem nas regras e cultura que vão projetar as regras do jogo econômico ao qual todos estamos inseridos.

A abordagem a respeito da repetição de costumes e de pensamentos, que vão construir os modelos mentais da sociedade vai basear a explanação sobre a dinâmica existente entre os indivíduos e as instituições. Para viabilizar o entendimento das instituições North retornará as considerações sobre as mentes individuais já exploradas na incipiência da corrente analisada, mas com maiores recursos para trazer ao Institucionalismo a evolução necessária.

4.1 OS EFEITOS DA EVOLUÇÃO ECONÔMICA NAS IDEIAS VEBLENIANAS

A crise de 1929 trouxe uma reformulação da sociedade americana e mundial. Veblen não testemunhou os efeitos porque havia falecido meses antes. Passados quase 90 anos de sua morte e mais de cento e dez da publicação de seu principal livro, a sociedade mudou muito. Não existe nenhum embaraço em demonstrar que a riqueza é oriunda de

trabalho produtivo, quando for este o caso, como existia quando Veblen publicou A teoria da classe ociosa.

Assim, muitas teorias levantadas no livro mais celebre de Veblen ficaram no campo teórico e com o passar dos anos o nível de informações disponíveis aos pesquisadores fez com que novos questionamentos surgissem, os quais não poderiam ser respondidos por meio de uma teoria construída afim de retratar uma classe cujos alguns contestavam a sua existência. Veblen não era o único autor da corrente institucionalista, mas era o principal. Quando o mesmo deixa o cenário acadêmico os teóricos que estão alinhados com o seu pensamento verão várias críticas surgirem causando desgaste a corrente.

A crise de 1929 realizou uma mudança de paradigmas, as alternativas apresentadas para solucionar os problemas não se mostravam eficazes até que o governo Franklin Roosevelt em 1933 implementasse o *New Deal*, e o cenário econômico passasse a indicar melhora³. A formulação desse plano de recuperação econômica foi influenciada pelas ideias institucionalistas, afinal de contas o entendimento das relações institucionais se fazia necessário para entender o que ocorria nos Estados Unidos. (RUTHERFORD, 2001)

Os resultados alcançados pelo plano de recuperação da economia não atendiam a expectativa da população e do governo, que tinham pressa e os questionamentos a respeito das ideias institucionalistas se aprofundaram. Pontos ligados ao determinismo hereditário, força do hábito e os aspectos ligados a psicologia que não consideravam as novas vertentes que ganhavam prestígio acadêmico deixaram as ideias de Veblen com aspecto ultrapassado e inadequado. Apesar disto Rutherford (2001) destacou que ainda existiam redutos em relevantes universidades americanas, como a de Columbia e de Winsconsin, que mantinham o interesse pela obra vebleniana.

Apesar de ainda existir representatividade acadêmica a morte de Veblen representou um enfraquecimento da corrente, pois os autores que tentaram levar adiante o pensamento institucionalista não foram capazes de responder de maneira satisfatória os questionamentos recebidos por correntes que viam a economia institucionalista como

³ O presente trabalho não tem como propósito abordar as causas e efeitos da crise iniciada em 1929, a mesma é citada devido seu impacto nas ideias institucionalistas, para maior conhecimento sobre o tema, sugerimos a leitura do livro de Wagner Pinheiro Pereira 24 de Outubro de 1929 A quebra da bolsa de valores de Nova York e a Grande Depressão.

uma “acumuladora de dados”. Uma das possíveis razões para o fraco desempenho dos sucessores de Veblen pode ser sido a falta de contato pessoal com o mesmo.

Apesar da grande representatividade dos escritos de Veblen, o institucionalista não ocupou nenhum cargo de importância nas muitas universidades nas quais trabalhou. Dessa forma, Veblen não participou da formação de seus descendentes intelectuais. Os veblenianos não foram alunos de Veblen, mas pensadores preocupados em dar continuidade à sua obra e, conseqüentemente, à economia institucional. (BOCK; ALMEIDA, 2016 p. 15).

As abordagens empíricas a respeito das instituições, hábitos e sociedade não apresentavam mais o mesmo impacto porque os estudiosos passaram a vê-las como “voltas em si mesma” (RUTHERFORD, 2001). Enquanto isso as inovações do pensamento neoclássico eram reformuladas para atender aos questionamentos deste tempo.

Foi uma asneira decisiva tomar simplesmente partido por um “realismo” descritivo, através da reunião de uma infinidade de dados, ou através da descrição cada vez mais detalhada de determinadas instituições econômicas. Isto porque nunca podemos obter uma compreensão mais precisa ou adequada da realidade econômica pela mera observação ou recolha de dados. (HODGSON, 1994, p. 21)

O institucionalismo acabou sofrendo de críticas próximas as quais ele se fundamentou, enquanto os primeiros estudos nasceram com observações a respeito do excesso de amarras a modelos teóricos das ideias neoclássicas vigentes, após a morte de Veblen os críticos passaram a apontar o apego as ideias empíricas. Só havia mudado a prisão, porque a incapacidade de uma visão sistêmica que aliasse teoria e realidade também estava presente nas ideias institucionalistas.

Em uma linguagem ilustrativa podemos dizer que o institucionalismo baixou a cabeça para observar os dados sobre a mesa e deixou de analisar o mundo a sua volta. O debate se ateve aos pontos positivistas e empiristas (HODGSON, 1994) das teorias antagônicas e o institucionalismo passou a ser encarado como uma maneira ingênua de fazer ciência.

Rutherford (2001) destaca que com o avanço dos estudos de outros ramos da psicologia, denominada de “psicologia moderna”, foram privilegiadas teorias mais alinhadas com o behaviorismo em detrimento das ideias ligadas ao hábito e ao instinto. O determinismo cedeu espaço para a crença de que o ser humano tem uma autonomia maior do que a que acreditava Veblen, assim um dos principais alicerces da sua teoria

ficou comprometido e vulnerável para críticas das correntes que também fundamentavam seus questionamentos na ausência de explicação para o comportamento individual.

Esse processo de crítica é característico da metodologia de fazer ciência, as teorias são falíveis e passam por testes constantes que buscam provar a aplicabilidade das mesmas, afinal de contas as teorias e observações precisam estar alinhadas com um contexto teórico que possa comprova-las. Um ponto que merece destaque da crítica de Veblen a teoria neoclássica, que os seus sucessores não conseguiram perpetuar, foi que ele não se prendeu ao ponto irrealista da teoria e sim ampliou a sua crítica.

O argumento principal de Veblen contra a teoria neoclássica não foi o de ser irrealista, mas o de não se adequar ao objectivo teórico em causa. A sua intenção era analisar o processo de mudança e transformação da economia moderna. A teoria neoclássica não servia para esse efeito, porque indicava “as condições de sobrevivência a que está sujeita qualquer inovação, partindo do princípio de que a inovação se verificara, e não tinha em conta as condições variantes de crescimento” (Veblen, 1919, pp. 176-7). Mas o que Veblen procurava era precisamente uma teoria sobre a razão por que essas inovações se verificam, e não uma teoria que se detivesse as condições de equilíbrio, depois de estabelecidas as possibilidades tecnológicas.”. (HODGSON, 1994, p. 22)

Outro ponto que passou a ser questionado com maior veemência foi o caráter evolucionista da economia institucionalista. Ao abordarmos o desenvolvimento da corrente a influência das ideias darwinistas está presente em muitos momentos, Veblen deixava a claro a sua crença na característica evolucionista da economia. Seguindo esse raciocínio é possível comparar uma firma que se destaca com a maximização de seus resultados a uma espécie que se mostra mais adaptada ao ambiente ou mais forte que as demais e que por isso tem maior destaque e êxito na seleção natural.

Para os críticos essa analogia não deve ser realizada sem que ponderações importantes aconteçam a respeito da diferença entre o ambiente econômico e biológico, como por exemplo a velocidade de resposta aos estímulos internos e externos e a transmissão para as próximas gerações de sua carga genética ou de suas técnicas de sobrevivência.

O processo de “seleção natural” funciona lentamente, durante longos períodos de tempo, e, para as espécies se consolidarem, é geralmente necessário um ambiente estável, de forma a que as características distintivas demonstrem a

sua superioridade em termos de concorrência. Pequenas variações no ambiente poderão garantir prosperidade de espécies mais adaptáveis, mas uma grande mudança, como o possível meteorito que teria alterado repentinamente o clima da Terra e varrido os bem sucedidos dinossauros pode deitar inteiramente a perder o processo de “selecção natural”. (HODGSON, 1994, p. 143)

O exemplo dado na citação é apropriado para explicar a diferença da dinâmica dos dois ambientes, enquanto na biologia somente eventos extraordinários e por isso mesmo muito raros são capazes de produzir grandes transformações imediatas, na economia o cenário “muda rapidamente e por vezes de repente, à medida que os preços flutuam, os mercados de valores florescem e sofrem “crashes”, os governos mudam, as guerras rebentam e os desastres naturais se sucedem” (HODGSON, 1994, p. 143), tais eventos demonstram a fraqueza existente na analogia da economia e biologia.

A ideia de que uma empresa de sucesso passe para seus sucessores os seus “segredos” e assim perpetue nas próximas gerações as técnicas de sobrevivência é no mínimo ingênua, pois a hereditariedade é um traço da biologia não incorporado a economia de maneira tão acentuada. Claro que existem pontos em que a semelhança é observada, como no caso da transmissão da cultura entre as gerações por meio dos hábitos.

O significado dos hábitos dentro do local de trabalho também não deve ser ignorado. Todo o trabalho, seja ele designado “qualificado” ou “não qualificado”, envolve um certo grau de conhecimento prático ou *know-how*, que é ao mesmo tempo adquirido e rotinizado ao longo do tempo. Na realidade, pode conjecturar-se que grande parte da capacidade industrial de um país consiste num conjunto de hábitos relevantes, adquiridos ao longo de muito tempo, dispersos por uma vasta força de trabalho, que pode ser empregada, e profundamente embuídos nas suas práticas. Deve-se a Thorstein Veblen o ter chamado a nossa atenção para este facto, assim como se lhe deve uma teoria da evolução económica baseada nos hábitos e expectativas conflituais da força de trabalho e da comunidade empresarial. (HODGSON, 1994, p. 132).

Por meio de hábitos e rotinas as instituições se consolidam na vida das pessoas que compõe a sociedade, as instituições não existem se não forem vividas. Para existirem elas precisam ser incorporadas na vida das pessoas e estar presente em seu comportamento. “ São transmitidas por imitação, pela tendência para a submissão e pelas crianças criadas dentro da família, ao adquirirem alguns dos hábitos e rotinas mais duradouros”. (HODGSON, 1994, p. 144). O que não vem a comprovar que sejam passadas de maneira genética, como se dá na biologia.

Tantos questionamentos alinhados a incapacidade dos sucessores de Veblen de aprofundarem as pesquisas de maneira a responder satisfatoriamente as demandas de sua época, em uma época em que outras correntes apresentavam respostas aos seus clientes de maneira mais assertivas que as dadas pelo Institucionalismo contribuíram para o seu isolamento.

Os períodos de crise geralmente são períodos onde a criatividade intelectual é estimulada pelo aumento da demanda por inovação e o maior número de *inputs* resulta na aceleração da dinâmica intelectual e produtiva. Neste cenário as ideias de Keynes ganhavam maior destaque que as demais porque apresentaram-se como sendo mais adequadas que as demais para resolver o problema da economia dos Estados Unidos, e por consequência do mundo. Com o decorrer do New Deal, Roosevelt teve a sua frente uma série de ideias a respeito de possíveis soluções para a crise e faz a sua escolha pelas ideias keynesianas.

It must also be said that institutionalists failed to develop their theories of social norms, technological change, legislative and judicial decision-making, transactions, and forms of business enterprise (apart from issues of ownership and control) much beyond the stage reached by Veblen and Commons. The reasons for this lack of development relate partly to the lack of clear psychological foundations, but also to the focus of interwar institutionalists on immediate and pressing policy problems like business cycles and public utility regulation. In addition, from the late 1920s on, sociology separated itself from economics and became established in separate departments, taking much of the subject matter of social norms and institutions with it. (RUTHERFORD, 2001, p. 183)

Como bem argumentado por Rutherford (2001), o campo da economia institucional ficou comprometido pela falta de capacidade de ampliação dos temas já tratados por Veblen e Commons. A separação da sociologia da economia e o desenvolvimento de novas correntes no ramo da psicologia foram fortes golpes para a corrente estudada.

A crise de 1929 foi responsável pela reformulação de muitas teorias, algumas se enfraqueceram, outras se destacaram e outras se reformularam. O que poderia representar o fim da teoria neoclássica, uma vez que a ideia de um mercado autorregulado mostrou-se falha, foi um ponto de germinação para a reformulação desta corrente.

A década de 1930 vivenciou um fortalecimento dos estudos ligados as ideias neoclássicas e representou um terreno fértil para a consolidação da econometria, que tem seus passos incipientes em décadas anteriores, mas se consolida como um ramo da economia nesta década com a fundação da Sociedade Internacional de Econometria. As

ideias neoclássicas cresceram em cima das críticas apresentadas e puderam resolver alguns “vazios teóricos”, tais como os que levavam em consideração as imperfeições de mercado.

A mesma assertividade não foi vivenciada na Economia Institucional e o caminho percorrido foi inverso ao das correntes keynesiana e neoclássica que seguiram uma trajetória ascendente. Rutherford (2001) resume bem os rumos da corrente institucionalista.

Finally, a significant part of the institutionalist agenda of social reform had come to pass, both removing some of the original causes of the institutionalist movement and prompting sharp critiques of the expanded role for government that institutionalists had done so much to put forward. Frank Knight (1932) was an especially unrelenting critic of the institutionalist view of markets and the need for additional methods of "social control." This attack was maintained by later Chicago school members, notably Henry Simons and George Stigler. Under these circumstances, it is not difficult to see why institutionalism gradually slipped from a central part of American economics to a marginalized position. (RUTHERFORD, 2001, p. 183)

Os estudos institucionalistas não desapareceram, mas tiveram a sua abrangência em número de adeptos consideravelmente reduzida. Aproximadamente 40 anos precisaram passar para as ideias institucionalistas ganhem força novamente após uma mudança no foco da pesquisa. Essa nova roupagem foi denominada Nova Economia Institucional.

4.2 A PACIFICAÇÃO ENTRE A NOVA ECONOMIA INSTITUCIONAL E A ECONOMIA NEOCLÁSSICA

Um dos principais teóricos que se dedicam ao estudo da economia institucional, Geoffrey M. Hodgson, em seu livro *Economia e Instituições* em 1994, nos apresenta a teoria neoclássica como sendo um ponto em comum das correntes institucionalistas. Fazer o contraponto a corrente neoclássica está no gene do institucionalismo, foi assim desde o início com Veblen e com os demais autores que se seguiram, alguns de maneira mais favorável e outros se opondo.

Quando Veblen dá início a sua obra, por mais que a mesma tenha atingido um público considerado grande, o mesmo sofreu uma série de questionamentos ferrenhos sobre os seus pressupostos. Quando North escreve vários destes questionamentos já haviam sido esclarecidos, os pontos mais básicos dos estudos institucionalistas já estavam

mais claros nos estudos econômicos. “Cada vez se reconhece mais o significado conceptual e a importância prática das instituições na vida económica, com efeitos variáveis em termos de políticas” (Hodgson, 1994 p. 5).

O desenvolvimento do pensamento econômico se dá de maneira escalonada, quando Veblen apresentou as primeiras críticas ao modelo neoclássico foi dado destaque as ideias sobre o mercado perfeito e a crença na racionalidade, quando North apresenta as suas os pontos relevantes ainda se atem a não adequação do modelo neoclássico aos questionamentos do mercado, mas o ponto em destaque é que nenhum dos autores somente acrescentou ideias referente ao mercado imperfeito, a assimetria de informações e as incertezas.

Veblen e North não concordam com o conceito neoclássico a respeito da racionalidade e da maximização dos resultados oriunda de um equilíbrio quase constante. Assim como a racionalidade, a maximização dos resultados não é o típico das relações econômicas (HODGSON, 1994), uma vez que não é raro ver comportamento “não racional” dominar o cenário econômico. O questionamento mais direto da racionalidade é mais presente na obra de Veblen, uma vez que nas arguições de North essa ideia já era mais consolidada.

Os avanços na psicologia nos anos que separam as obras dos dois autores têm reflexos consideráveis em suas obras, quando Veblen faz a maioria de suas observações as ideias de Freud predominam nos estudos da área. Quando as ideias de North foram desenvolvidas os estudos psicológicos já haviam passado por uma série de revisões e avanços. “É uma falsa dicotomia discutir-se se o “homem económico” é inteiramente racional ou não racional. Os agentes humanos são ao mesmo tempo racionais e sub-racionais”. (HODGSON, 1994, p. 111). A construção deste pensamento ajuda a construir o homem econômico mais elaborado que o de outrora.

Dentro da própria obra de North é possível observar o avanço da influência dos estudos da psicologia. Somente no livro publicado em 2005, *Understanding the process of economic change*, é que podemos notar um destaque maior aos argumentos psicológicos, onde o autor apresenta ideias mais sofisticadas a respeito do comportamento humano e faz uso da psicologia de uma maneira mais recorrente, destacando pontos a respeito da influência do ambiente externo e contexto social ao qual o homem está inserido em seu comportamento.

A discrepância entre os autores é resultado do avanço dos estudos, em um século muitas ideias são substituídas por outras e as ideias influenciadoras são alteradas, assim como a interpretação das mesmas. Embora existam reflexos das ideias de Marx e Smith tanto em Veblen quanto em North, o ser humano analisado por Veblen tem uma maior influência. Para os autores clássicos a produção tinha um papel fundamental na estética das relações, por meio da organização produtiva as instituições eram estabelecidas. Tal pensamento se manteve em papel de destaque por muito tempo e embora Veblen fosse crítico de muitas ideias de Marx e de Smith (em menor nível) existe influência destes autores em sua obra.

Tanto North quanto Veblen tinha consciência de que não era pretensão da escola neoclássica realizar previsões sobre o futuro, pois este ponto não apresentava relevância para a corrente. No entanto, existe consenso que a ciência econômica se norteia pela maximização de resultados e para isso ocorrer é necessário um certo nível, ainda que reduzido, de previsibilidade sobre eventos futuros.

Os objetivos neoclássicos são mais simples (HODGSON, 1994) e ambos os autores têm conhecimento deste ponto. “Na teoria neoclássica, os gostos e preferências dos indivíduos e as possibilidades e as restrições tecnológicas que se fazem sentir sobre a economia são considerados como exógenos ou dados, isto é, fora do sistema” (HODGSON, 1994, p. 13). O estudo a respeito do ambiente cultural e social é uma preocupação comum de Veblen e North que faz contraponto com os neoclássicos.

Na realidade é a teoria neoclássica que assume uma perspectiva determinista ao fazer do indivíduo um prisioneiro, não do ambiente social, mas das suas preferências e crenças iminentes e quase sempre invariáveis. Estas determinam um comportamento de tipo altamente mecânico. (HODGSON, 1994, p. 16)

A crítica a ortodoxia é presente nos trabalhos de Veblen e North com enfoques diferentes, mas nenhuma pautada em ideias ligadas ao determinismo típico dos neoclássicos “considera-se que, embora as instituições sociais sejam importantes nos processos de cognição e aprendizagem, na formação de preferências e, em geral, na motivação da acção, a atividade humana não é determinada, completa ou mecanicamente, pelo seu tegumento institucional” (Hodgson, 1994, p. 10).

Ao demonstrar o novo enfoque da Economia Institucional, agora já denominada Nova Economia Institucional, Hodgson (1994) utiliza ideias apresentadas

por North (1978) que se preocupavam em deixar claro que a corrente neoclássica não era uma inimiga, e sim uma corrente importante para o desenvolvimento do pensamento econômico. “The cliometric revolution in economic history wedded neoclássical economics and quantitative methods in order to describe and explain the performance of economies in the past.” (NORTH, 1978, p. 963). North é um dos precursores do uso da cliometria na análise da história econômica e reconhece a importância das ideias neoclássicas.

O antigo institucionalismo se desenvolveu a partir de uma forte crítica ao neoclassicismo, principalmente as suas análises reducionistas e estáticas, com enfoque no equilíbrio ao invés da mudança. Por seu turno, o novo institucionalismo, ao mesmo tempo em que critica a teoria tradicional, mantém-se preso ao seu núcleo teórico, preocupando-se com aspectos específicos que não invalidam a tradição ortodoxa, mas reconhecendo seus problemas e tentando incorporar elementos mais consistentes na explicação dos problemas econômicos. (LOPES, 2013, p. 02)

No entanto, North não deixa de apontar as limitações dos pilares do modelo neoclássico que comprometem a avaliação da economia. “Traditionally, neoclássical theory has assumed as test conditions: (1) perfectly competitive markets, (2) perfectly specified and costlessly enforced property rights, (3) neutral government, and (4) unchanging tastes.” (NORTH, 1978, p. 964). O autor tem convicção de que a utilidade desse modelo se dá no campo da representatividade na história do pensamento econômico e que possibilita inúmeros avanços quando pesquisas são iniciadas por meio de seus pressupostos, uma vez que não representam um mercado real.

The "old economic historian," the institutionalist of Veblen and C. E. Ayres' persuasion, or the Marxist will object that this is all old stuff and that they long ago explored these issues and pointed up the deficiencies of neoclássical economics. They miss my point. We have much to learn from them, but not by abandoning neoclássical theory. Neoclássical theory has made economics the preeminent social science by providing it a disciplined, logical analytical framework. To abandon neo classical theory is to abandon economics as a science. The challenge is to widen its horizons to come to grips with these issues. The economic historian is uniquely qualified to meet that challenge. (NORTH, 1978, p. 974).

Como historiador econômico North consegue adotar o desafio de ampliar os horizontes da teoria neoclássica e por isso o alargamento das suas ideias se dá de uma maneira mais elegante do que os seus antecessores. Existem pontos de sua obra onde o autor demonstra resistência em denominar as suas ideias como uma teoria e as chama de conjunto de definições e princípios. “What I do provide are a set of definitions, principles,

and a structure which provide much of the scaffolding necessary to develop a theory of institutional change.” (NORTH, 1990, p 01), mas não se abstêm em fazer considerações claramente contrária a certos pontos neoclássicos.

Essential because neo-classical theory (and other theories in the social scientist's toolbox) at present cannot satisfactorily account for the very diverse performance of societies and economies both at a moment of time and over time. The explanations derived from neo-classical theory are not satisfactory because, while the models may account for most of the differences in performance between economies on the basis of differential investment in education, savings rates, etc., they do not account for why economies would fail to undertake the appropriate activities if they had a high payoff. (NORTH, 1999, p. 01)

O diferencial é que a crítica em North ocorre “por dentro” (LOPES, 2013), após uma análise dos pontos que são relevantes para a construção de suas ideias. Ao dar início aos seus escritos North já havia lido muitas críticas ao institucionalismo e ao empirismo e por isso tinha consciência de que as suas ideias apresentadas deveriam ter um embasamento teórico maior. “O trabalho empírico “neutro” e “objetivo”, em que os factos “falam por si” e em que a experiência e os testemunhos empíricos são os mentores imparciais do avanço científico, é um sonho impossível” (HODGSON, 1994, p. 35). Infere-se da citação a importância da manutenção das ideias neoclássicas na formulação do pensamento novo institucionalista de North e de sua metodologia.

4.3 O EVOLUCIONISMO E NORTH

Ao publicar em 1898 o artigo “*Why is economics not an evolutionary science?*” Veblen apresenta suas ideias a respeito da evolução das relações econômicas. Influenciado pelas ideias da teoria darwinianas o autor propõe uma analogia entre a evolução das espécies no campo da biologia e a evolução que ocorre nas relações econômicas. A dinâmica das mudanças pode variar bastante dependendo do organismo econômico, no entanto é dado como fato para Veblen que tal como ocorre com a seleção natural das espécies exposto por Darwin temos na economia um processo de seleção natural. Esta concepção formatará as ideias que darão início ao “Institucionalismo Evolucionário”.

Veblen used the idea of an unbroken historical chain of cause and effect to undermine the presuppositions of mainstream economics. His use of Darwinian methodological injunctions led to a powerful critique. Ultimately, because the human agent was a subject of an evolutionary process, he or she could not be taken or fixed or given. A causal account of interaction between the individual and social structure had to be provided. This causal account should not stop with the individual, but it should also attempt to explain the origin of psychological purposes and preferences. (HODGSON, 2004, p. 157)

A crítica vebleniana a teoria neoclássica é estruturada em seu entendimento evolucionário a respeito do funcionamento vida econômica. “Institutionalism was held to be more "scientific" than orthodox economics because it was both more empirical and more in line with the latest research in other related disciplines” (RUTHERFORD, 2001, p. 177). Para Veblen as explicações mais racionais para os questionamentos econômicos poderiam ser encontradas em uma analogia com as ideias da evolução das espécies abordadas por Darwin. “Darwinism meant not only a critique of Divine intervention, but also required assumption in neoclassical preference functions” (HODGSON, 2004, p. 157).

Para Veblen, a ciência econômica praticada era demasiadamente teleológica, o que julgava ser característico de uma ciência pré-evolucionária. Como alternativa, propunha que a ciência econômica fosse pensada em termos de processo, isto é, dando maior relevância ao processo econômico e menos a seus fins, o que caracterizaria uma ciência pós-evolucionária (BCOK; ALMEIDA, 2016, p. 02)

A ruptura com o *mainstream* possibilitou que o Institucionalismo fizesse observações sobre o que o comportamento coletivo e sobre o que a repetição dos hábitos sociais revelam a respeito do mundo econômico. Conceitos ligados ao comportamento humano com o instinto e o hábito, que não eram levados em consideração pelos neoclássicos, são relevantes para Veblen e impactam diretamente na dinâmica econômica. “Cabe a observação de que Thorstein Veblen não elaborou uma teoria da mudança institucional, estabelecendo conceitos e articulando ideias que em conjunto formatassem uma estrutura conceitual interligada entre si. ” (BCOK; ALMEIDA, 2016, p. 02)

A abordagem sobre os hábitos e instintos será recorrente ao longo da obra de Veblen. “Instincts are inherited behavioural dispositions that, when triggered, give rise to reflexes, urges or emotions. Instincts are not fixed behaviours; they are dispositions that can often be suppressed or diverted.” (HODGSON, 2004, p. 162). Por isso não deve ser entendido que o instinto é um comportamento padrão dos agentes econômicos, ele é

variável conforme o ambiente e os *inputs* recebidos, mas que varia de acordo com as experiências prévias dos seres humanos. O mesmo raciocínio é dado para as abordagens a respeito dos hábitos que não devem ser entendidos como um padrão estático e sim como uma propensão a tal.

A proposta de Veblen, para o conceito de instintos, passa por considerar um continuum de comportamentos que iriam desde os tropismas – como quando alguém retira a mão de um objeto quente – até as ações deliberadas de escolha racional – como as que são solicitadas de um candidato numa prova sobre conhecimentos específicos, que exigem estudo prévio de determinado assunto e, a partir daí, o estabelecimento de um raciocínio para se encontrar a resposta. Os instintos, dentro disso, seriam as propensões, os motivos para as ações humanas encontrados entre os extremos, ainda que se possa localizá-los mais para o lado dos tropismas do que para o das ações completamente deliberadas. (CAVALIEIRI, 2009, p. 307-8)

Os estudos de Veblen a respeito das relações humanas com enfoque na racionalidade fez com que alguns autores apontassem pontos em comum com a obra de Freud (1856-1939). As pretensões de Veblen não eram de adentrar no mundo da psicologia, mas o seu método interdisciplinar prezava pela comunicação entre a economias e as demais ciências (principalmente as sociais) permitindo fazer uso das contribuições de outras ciências, assim como contribuir para elas. O tema “instituições” era comum entre Veblen e Freud, uma vez que as mesmas têm grande relação com o comportamento humano, o que variava era o enfoque dado por cada autor.

For Freud the institutional complex is an unpleasant necessity, required to curb the aggressive libidinous violence of "natural" man, who attends over against this restraining influence, which he has precipitated, in discontented rebellion [...]for Veblen, on the other hand, the institutions of capitalism are analyzed in all their objectivity. The monetary measure of value, the financial apparatus, the "leisure class" ethos, with its standards of "conspicuous waste" and the "degradation of labour", and the conflicting of industrial efficiency and of profit-seeking. (SCHNEIDER, 1948, p. 252)

O caráter interdisciplinar dos estudos de Veblen ampliaram a sua capacidade crítica em diversos assuntos, os seus questionamentos extrapolam os temas ligados a economia. Cavalieri (2009) relembra que ao criticar o modelo de educação nos Estados Unidos Veblen apresentou a sua crença de que a pesquisa deve ser feita de maneira livre.

A liberdade científica também está uma característica de North, a sua larga experiência histórica lhe permitiu enxergar o mundo por meio de uma ótica evolucionista. Rutherford (1996) classifica North como um economista histórico, a histórica é muito

importante para o autor afinal de contas segundo suas próprias palavras *history matters*. O fato de North distanciar-se das abordagens mais ligadas a história em favor da teoria econômica não implica que o autor desqualifique a sua importância, muito pelo contrário. A análise histórica realizada é fundamental em sua obra e permite ao autor concluir que “Institutions provide the basic structure by which human beings throughout history have created order and attempted to reduce uncertainty in exchange”(NORTH, 1990, p. 118).

As nações com o conjunto institucional com maior capacidade de reduzir as incertezas têm um desempenho econômico melhor do que as que não conseguiram. “Together with the technology employed, they determine transaction and transformation costs and hence the profitability and feasibility of engaging in economic activity” (NORTH, 1990, p. 118). A economia tem uma dinâmica evolutiva, o ponto em foco é saber fazer com que a evolução não comprometa a estabilidade necessária para que a viagem rumo ao desenvolvimento seja mais rápida e menos conturbada possível.

A análise histórica de North permite que um conceito importante para a sua obra seja formulado a respeito do peso do passado. As decisões dos agentes econômicos trazem consequências para o curto, médio e longo prazo. Parte dessas consequências é tratada no estudo da *path dependence*, cujo o foco principal é analisar os custos imputados ao futuro por escolhas feitas no passado. O caminho rumo ao desenvolvimento e ao crescimento econômico muitas vezes tem como obstáculo os reflexos da trajetória escolhida. Os institucionalistas evolucionários sabem o quão influenciador (tanto positivamente quando negativamente) o passado pode ser.

Conforme Gala (2017) não faltam fontes de estudo para análise evolucionária das instituições, desde as mais primitivas até as mais recentes (Império Romano, Feudalismo, Cidades-estados com forte desenvolvimento pós-feudalismo (Bruges, Ghent, Antuérpia, Delft, Gênova, Veneza, Florença, Londres, Bristol dentre outras), desenvolvimento da Europa ocidental, não modernização institucional de Portugal e Espanha, história da União das Republicas Soviéticas Socialistas). Por isso North declara que *history matters*. A história econômica apresenta uma série de dados sobre as razões que levam os países a se desenvolverem ou não e mesmo assim a disparidade entre as nações é imensa, as vezes dentro de um mesmo país temos realidades opostas.

No processo histórico é fundamental entender o funcionamento das relações sociais, a continuidade das instituições e a sua caracterização são frutos do passado de

toda uma estrutura social, sendo assim a sua continuidade não se encontra nas mãos de um grupo de pessoas ou de organizações, mas de todo o conjunto social. Em sua obra a história apresenta-se de maneira privilegiada para que a evolução econômica possa ser entendida, explicitando os motivos do sucesso do mundo ocidental na corrida pelo desenvolvimento, a superação dos obstáculos impostos pelos ciclos econômicos e luta pela alocação ótima dos recursos escassos foi possível devido a inovação institucional.

4.4. A CONVERSÃO DE NORTH

As diferenças entre o Velho e o Novo Institucionalismo são decorrentes de seus enfoques diferentes. No entanto, os pontos em que se assemelham são marcantes.

There are obvious differences between the old and new. Within the OIE, the arguments are presented in the context of a broad discussion of historical change and frequently lack analytical detail. With the notable exception of the works by North and other economic historical, most of the NIE literature is narrower and more ahistorical, but contains much more analytical detail. The NIE also tends to stress individual rationality, changes in cost-benefit conditions, and economizing to an extent not found in the OIE, but there are also many areas of complementary and even of agreement. (RUTHERFORD, 1996, p. 126)

Ao longo deste trabalho expomos pontos importantes da história do pensamento de Veblen e North, o caminho percorrido até o encontro das ideias sobre o evolucionismo em North foi longo, mas assim como o tema remete foi uma evolução. Quando analisamos as ideias de North no ano de 2005 as referências aos modelos mentais são recorrentes, se na década de 1980 o autor inseriu em sua teoria a abordagem sobre a ideologia, em 1990 deu destaque a incerteza e as informações incompletas, nos anos 2000 temos em enfoque nos modelos mentais, tema já abordado por Veblen e fundamental para interpretar o Institucionalismo evolucionista.

Se a evolução tratada por Darwin era das espécies, no Institucionalismo a evolução que tratamos é referente a mente humana e das instituições. A *path dependence* vai influenciar o ritmo da evolução mental, assim como a cultura. Por isso mudanças repentinas não são recorrentes na abordagem de North, elas evoluem numa seleção seletiva em busca da redução dos custos de transações e as melhores práticas.

O North de 2005 está mais ligado a psicologia que anteriormente, em *Understanding the process of economic change* a relação entre as motivações individuais e os modelos mentais socialmente compartilhados explicam comportamentos relevantes dos agentes econômicos. O impacto das crenças na economia é capaz de interferir nos rumos escolhidos a longo prazo e a evolução social está associada a este processo porque causam reflexos nas escolhas que serão realizadas.

Para North (2005) não é possível compreender as crenças sociais desconsiderando as mentes individuais. Hodgson (2004) descreve muito bem a relação entre os indivíduos e as instituições.

The idea that institutions can be reconstitutive of individuals is arguably the most fundamental characteristic of institutional economics. Obviously, institutions themselves differ, in time and space. However, individuals themselves are also likely to be radically affected by these differences. Different institutions can act as more than constraints on behaviour: they may actually change the character and beliefs of the individual. (HODGSON, 2004, p. 257)

A interpretação da mente individual em North o leva a crer que a evolução social não ocorre independente do comportamento do homem, não existe uma evolução autônoma e dissociada dos propósitos individuais. North (1990) abordou a importância das informações para que as melhores decisões ocorram e por isso acredita que quanto maior e mais qualificado for o volume de informações disponível melhores serão os resultados. A disponibilização de informações para a sociedade eleva o padrão dos modelos mentais compartilhados porque a diminui a incerteza e aumenta a capacidade de avaliação de múltiplos cenários.

Na obra publicada em 2005 North faz considerações a respeito da influência da genética neste processo. Nem o ambiente externo no qual o indivíduo está inserido e nem a sua carga genética apresentam autonomia e dissociação no processo evolutivo, a relação é influente nas duas vias e compõem itens importantes na formulação dos modelos mentais, a carga genética não tem caráter volátil como o ambiente externo e por isso a velocidade das alterações não ocorre conforme o ritmo independente de cada um destes componentes.

A maneira como cada indivíduo (cada objeto genético) se relaciona com o ambiente externo resulta em uma forma de aprendizado individual, esse resultado que foi

obtido de maneira única gera resultados compartilhados socialmente e ajudam a compor um ambiente maior que resultam em pensamentos socialmente compartilhados, que refletirá na cultura, por consequência nas regras e também nas instituições.

A medida que a sociedade evolui a carga cultural que é passada entre as gerações resulta em uma herança cultural que impacta no arranjo institucional que vigorará na sociedade. Uma cultura que privilegie pontos fundamentais para North como o baixo custo de transação promoverá um desenvolvimento de longo prazo, pois os agentes econômicos terão estímulos aos investimentos e as negociações. “Successful economic development will occur when the belief system that has evolved has created a “favorable” artefactual structure that can confront the novel experiences that the individual and society face and resolve positively the novel dilemmas.”(NORTH, 2005, p. 69)

Para North (2005) o sistema de crenças sociais é fruto de mentes individuais (influenciadas pela genética) que tem capacidades distintas de interpretar a realidade na qual estão inseridas e fazer prospecções futuras. Ao desenvolver os pensamentos presentes nesta obra, North fez uso das contribuições dos psicólogos evolucionários que também acreditam na interferência de fatores genéticos e ambientais na concepção de modelos mentais compartilhados.

O tema evolutivo não é novo na Nova Economia Institucional, na realidade ele está ligado ao seu nascimento, Rutherford (2001) lembra que quando os estudos institucionalistas estavam marginalizados um grupo chamado Wardman Group deu origem em 1959 a uma associação que mais tarde levaria o nome de Association for Evolutionary Economics. Para o mesmo autor muitos assuntos tratados pela Nova Economia Institucional já estavam implicitamente presentes nas teóricas da Velha Economia Institucional.

Essa aproximação das vertentes institucionais veio acompanhada de uma reintegração entre a economia Institucional e outras matérias da área social, como a sociologia, política e psicologia. Para Rutherford (2001) quando os olhos de North retornam a ideias de Veblen existe uma ruptura entre a maneira de explicar a mudança institucional que lhe proporcionou fazer uso com assertividade das contribuições de Veblen a respeito dos modelos mentais, que resultam em padrões de comportamento.

Essa retomada acompanhada das novas contribuições da psicologia e da sociologia que evoluíram muito desde os tempos de Veblen, permitiram que North discorresse sobre os hábitos de uma maneira diferente. Novas concepções analíticas são eficientes para lançar um novo olhar sobre um assunto já explorado. O novo prisma adotado por North lhe permitiu analisar as contribuições evolucionistas por um ângulo que o fez enxergar contribuições que anteriormente não lhe pareciam relevantes ou que se quer haviam sido vistas.

The work of Douglass North (1990) provides a powerful example of an author who has not only come to abandon his original efficiency explanation of institutional change, but also come to make extensive mention of importance of “mental models”, norm-guided behavior, and ideological convictions. (RUTHERFORD, 2001, p. 188)

North está ciente de que o desenvolvimento dos modelos mentais depende de uma série de fatores correlacionados que fazem parte da vida civil e por consequência institucional. A retomada de conceitos importantes da Velha Economia Institucional é vista com bons olhos pelos autores que se ocupam do estudo do Institucionalismo porque somado as novas contribuições da sociologia e da antropologia alcança-se um degrau a mais, que viabiliza um entendimento mais amplo dos problemas econômicos (RUTHERFORD, 2001). A abertura da teoria northiniana as contribuições de outras áreas e do próprio institucionalismo aumentou o seu poder de compreensão da dinâmica econômica.

Para Hodgson (2004) a busca pela reconstrução do indivíduo a partir dos conceitos evolucionistas leva North tão próximo dos velhos institucionalistas que em alguns momentos chegam a se confundir.

This recognition of social influences on individual cognition places he very close to - or even within - the "old" institutionalist tradition. If institutions or a "common cultural heritage" can somehow reduce divergences between the mental models held by different individuals, or otherwise effect individual beliefs or goals, then we have reconstitutive downward causation in everything but name. What is then required is an elaboration of the causal, social and psychological mechanisms involved in the reconstitutive process. (HODGSON, 2004, p. 415)

Assim as barreiras que separam as ideias do da Nova e da Velha Economia Institucional vão sendo consideravelmente reduzidas. “Hodgson argues that the key demarcation between the old and new institutionalism is yoked to the model of rational

individual behavior and the assumption of given individual preference functions” (RUTHERFORD, 2001, p. 189).

A evolução do trabalho de North o conduziu a conclusão de que o processo evolutivo afeta muito o processo de aprendizado, desenvolvimento de crenças e cultura, por consequência de tomada de decisão e de consolidação dos hábitos. “The mechanism through which culturally and institutionally specific rules of cognition and action become imprinted in the human mind is through the formation of habits” (HODGSON, 2004, p. 422). Tudo passa a girar em torno do hábito e da repetição de costumes e de pensamentos; esse ponto já estava estabelecido em Veblen desde os seus primeiros trabalhos.

Apesar da evolução das ideias de North e da entrega de sua teoria em 1990, Hodgson (2004) acredita que alguns conceitos não ficaram suficientemente claros, como por exemplo as distinções entre instituições e organizações e entre os arranjos formais e informais. Para Hodgson (2004) quando North diz que as organizações são formadas por pessoas com finalidades afins, torna o termo muito restrito por não englobar outros propósitos que formam as organizações. “He is less interested in the internal mechanisms by which organizations coerce or persuade members to act together some degree” (HODGSON, 2004, p. 428).

Problema similar ocorre com as diversas interpretações a respeito das regras formais e informais, para alguns as regras formais são as leis e as informais seriam as não legais. O problema deste raciocínio seria que “if all rules are formal, and institutions are essentially rules, then all institutions are formal” (HODGSON, 2004, p. 429). Com isso North teve que alterar o seu entendimento sobre instituições para “Institutions are the constraints that human beings impose on human interactions” (idem). Hodgson (2004) não acredita que a explanação northiniana a respeito das regras informais expliquem a complexidade delas porque nem sempre as regras e normas nem sempre estão escritas em leis. Assim, por acreditar que esses temas trazem diversas possibilidades de interpretações julga que o tema não está esgotado e que novos estudos são bem-vindos.

Independente dos pontos de questionamentos levantados por Hodgson o ponto em questão para ambos os autores é identificar como o sistema de regras e normas afeta o comportamento individual e a sua evolução. A essa altura a ideia da influência da evolução vebleniana em North já é um fato e a comparação entre as regras northinianas com os genes de uma estrutura institucional que representaria um fenótipo é recorrente.

If rules are like genes, then this underlines the importance of considering their mechanisms of survival and replication, and the way in which they can affect individuals or organizations. From Veblenian perspective, the gene-like entities behind rules are individual habits, because these habits are the conditional, rule-like dispositions that marshal behaviour. Rules generally work only because they are embedded in shared habits of thought and behavior. (HODGSON, 2004, p. 430).

Desde a década de 1990 importantes autores que se dedicam ao Institucionalismo já haviam pontuado a aproximação de North ao Velho Institucionalismo. “Several commentators have argued that North’s more recent work shows “a degree of convergence” with the ideas of the old institutionalists” (RUTHERFORD, 2001, p. 188). Essa aproximação trouxe benefícios para ambas as correntes, o Velho institucionalismo ganhou ares de renovação por meio do despertar do interesse por temas já abordados previamente e que estavam negligenciados na história do pensamento econômico e para o Novo que pode aprofundar e ratificar as suas ideias com a ampliação da sua teia de contribuição acadêmica.

The new literature on institutions has had other impacts too, impacts that move outside of the new institutionalism. Aspects of this literature have also served to stimulate attempts to renew the old institutionalism by bringing together more recent work in psychology, evolutionary models, and resource or competence based theories of the firm with ideas taken from Veblen, Commons, and other old institutionalists. (RUTHERFORD, 2001, p. 189)

5. CONCLUSÃO

Ao elaborarmos esse trabalho procuramos mostrar o caminho percorrido por Douglass North até as ideias evolucionistas presentes na abordagem velho institucionalista de Thorstein Veblen. O caminho foi longo, mas rico de pensamentos importantes para a história do pensamento econômico e que levaram o autor a se tornar uma referência quando o assunto é Economia Institucional.

As ideias apresentadas North foram influentes para trazer a economia institucional de volta ao debate econômico de grande repercussão e assim leva-la o século XXI. Muitas das ideias do autor não apresentam características inéditas, as instituições estão presentes desde os primeiros economistas e os debates já aconteciam muito antes das primeiras publicações do autor, mas ao trabalhar com temas já aceitos e consagrados

como por exemplo itens ligados à economia neoclássica o autor teve o acesso facilitado para que pudesse apresentar as suas colocações ao grande público.

Tratamos neste trabalho de pontos imprescindíveis para o desenvolvimento da teoria de North, como os custos de transação, crença, cultura e o papel do Estado. As teorias a respeito do custo de transação motivam muitos trabalhos do autor, assim as explicações feitas a respeito dos originadores destes custos: racionalidade limitada e incertezas. A conclusão do autor, e de outros membros da Nova Economia Institucional, é que os agentes econômicos não terão nunca completo domínio das informações envolvidas nos seus negócios e das variáveis que podem interferir no andamento do processo.

Para que esse problema seja minimizado, North sugere que o Estado opere de uma maneira que venha a facilitar a fluidez das relações econômicas, mesmo que para isso faça uso de suas atribuições coercitivas em nome da preservação de um bom ambiente comercial. Essa atuação está atrelada a aplicação dos itens preestabelecidos em contratos e compõe um dos itens mais relevantes para que seja estabelecida uma estrutura institucional que promova o desenvolvimento de longo prazo.

Os contratos estão associados ao comportamento humano, a sua razão de ser é a de viabilizar uma maior previsibilidade sobre ações futuras e assim ter domínio sobre os possíveis cenários futuros, mesmo sabendo que as chances de previsibilidade são limitadas busca-se a elevação do patamar de previsibilidade ao máximo possível. Assim o comportamento será uma das bases para o desenvolvimento da teoria de North e de todo o Institucionalismo, ao avançar no estudo comportamental North irá retomar pontos que já haviam sido tratados por Veblen no nascimento do Institucionalismo.

Essa retomada que motivou o desenvolvimento dessa pesquisa. Ao analisar o comportamento em Veblen, North explorou as concepções sobre o instinto, modelos mentais e o comportamento individual e social que influenciam na evolução dos agentes econômicos. O instinto em Veblen não é referente somente as reações por impulso similares ao comportamento dos animais irracionais, para o autor o instinto dita o nosso comportamento por meio do acúmulo de informações que nos fazem deliberar sobre pontos que influenciam a nossa vida, os instintos são o gene dos hábitos.

Os hábitos compõem o cerne da questão evolucionária para Veblen e impulsionarão as ações os agentes econômicos, a sua composição terá fatores biológicos,

hereditários e comportamentais. Os ajustes feitos ao longo da vida servirão para perpetuar as melhores práticas e hábitos nas esferas naturais e sociais, a velocidade dessa evolução seria superior ao do ramo da biologia, mas também não ocorrem do dia para a noite porque os hábitos levam tempo para serem alterados.

A evolução dos hábitos e dos instintos não poderiam ser desconsiderados por North porque eles são responsáveis pela dinâmica que conduziu a evolução da maneira como os agentes econômicos se organizam. Essa organização irá conduzir os estudos institucionalistas pela busca de um ordenamento institucional que viabilize um desenvolvimento de longo prazo.

Assim concluímos este trabalho entendendo que a suspeita inicial de que North ratifica as ideias iniciais de Veblen a respeito da evolução das instituições foi verificada ao longo da evolução das ideias northinianas. Com isso a corrente Institucionalista ficou mais forte, mais dinâmica e evolui no campo de pesquisa intelectual.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: M. Fontes, 2007.

AZEVEDO, B. **Uma análise antropológica de Douglass North (1973-2009):** indivíduo, racionalidade, cultura e instituições. 263 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento) – Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento, Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/images/posgraduacao/pped/dissertacoes_e_teses/Bonnie_Azevedo.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2017

BOCK, R.; ALMEIDA, F. **A evolução do institucionalismo vebleniano**. In: 44 Encontro Nacional de Economia (Anpec), 2016, Foz do Iguaçu. Encontro Nacional de Economia (Anpec), 2016. Disponível em: <https://www.anpec.org.br/encontro/2016/submissao/files_I/i1-6aa3163dde016f1176aa975fc4954f70.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2018

BUENO, N. P.. Possíveis contribuições da nova economia institucional à pesquisa em história econômica brasileira: uma releitura das três obras clássicas sobre o período colonial. **Estudos Econômicos** (São Paulo. Impresso), São Paulo, v. 34, n.4, p. 777-804, 2004.

CAVALIERI, M. A. R. **O Surgimento do Institucionalismo Americano: um ensaio sobre o pensamento e o tempo de Thorstein Veblen**. 459 f. Tese (Doutorado em Economia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/AMSA-7UTJYS/marco_ribas.pdf?sequence=1>. Acesso em: 01 set. 2017

COASE, R. The Problem of Social Cost. **The Journal of Law & Economics** Vol. 3 (Oct., 1960), pp. 1-44. Disponível em: <<https://econ.ucsb.edu/~tedb/Courses/UCSBpf/readings/coase.pdf>>. Acesso em: 27 mai. 2017

CRUZ, S. C. V.. Teoria e história: notas críticas sobre o tema da mudança institucional em Douglas North. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, v. 23, n.2, p. 106-122, 2003.

DEQUECH, D. Institutions, social norms, and decision-theoretic norms. **Journal of Economic Behavior & Organization**, v.72, p. 70–7, 2009. Disponível em: <https://www.academia.edu/1121936/Institutions_social_norms_and_decision-theoretic_norms>. Acesso em: 10 de jan.2018

FERNANDES, L. N.. A pobreza na África Subsaariana e suas conseqüências no atual mundo globalizado. RDE. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, v. XIII, p. 87-96, 2010.

FIANI, R. **Teoria dos Custos de Transação**, in D. Kupfer e L. Hasenclever (org). Economia Industrial, Editora Campus, Rio de Janeiro, pp. 267-286. 2002.

FURUBOTN, E.; RICHTER, R. **Institutions and economic theory : the contribution of the new institutional economics** Ann Arbor: University of Michigan Press, c1997.

GALA, P. S. O. S. **Uma crítica à teoria institucional de Douglass North a partir da perspectiva de complexidade econômica**. 24 de maio de 2017. Disponível em: <http://www.paulogala.com.br/uma-breve-critica-a-teoria-institucional-de-douglass-north-a-partir-da-perspectiva-da-complexidade-economica/>. Acesso em: 13 ago. 2017

GALA, P. S. O. S. A Teoria Institucional de Douglass North. **Revista de Economia Política**, vol. 23, nº 2 (90), abril-junho/2003 (p.89-105). Disponível em : <http://www.rep.org.br/pdf/90-6.pdf> . Acesso em: 11 nov. 2017

HODGSON, G. M. **Economia e instituições**: manifesto por uma economia institucionalista moderna. Oeiras: Celta, 1994.

HODGSON, G. M. **The Evolution of Institutional Economics: Agency, Structure and Darwinism in American Institutionalism** London: Routledge, 2004

IBGE **Produto interno bruto dos municípios : 2010-2013** / IBGE, Coordenação de Contas Nacionais. – Rio de Janeiro : IBGE, 2015.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 12.ed. São Paulo: Perspectiva, 2013

LOPES, H. C. Instituições e crescimento econômico: os modelos teóricos de Thorstein Veblen e Douglass North. **Revista de Economia Política** (Impresso), v. 33, p. 619-637, 2013.

MANFRED, A.Z. **História do mundo**. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/manfred/historia/v01/01.htm>>. Acesso em: 14 abr. 2017

NIELSEN, K. Douglass North obituary. **The Guardian**, 27 de janeiro de 2016. seção Education. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/education/2016/jan/27/douglass-north>>. Acesso em: 05 mai. 2017

NORTH, D.; THOMAS, R.P. **The Rise of the Western World: A New Economic History**, Cambridge University Press, Cambridge, 1973.

NORTH, D. Structure and Performance: The Task of Economic History. **Journal of Economic Literature**, v. 16, n. 3, p. 963-97, 1978. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/pdf/2723471.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2017

NORTH, D. **Structure and Change in Economic History**, Norton, New York, 1981.

North, D. **Institutions, Institutional Change and Economic Performance**, Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

NORTH, D. Economic Performance Through Time **The American Economic Review**, v. 84, n. 3, p. 359-368, 1994. Disponível em:

<https://campus.fsu.edu/bbcswebdav/users/jcalhoun/Courses/Growth_of_American_Economy/Chapter_Supplemental_Readings/Chapter_01/North-Economic_Performance_Through_Time.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2017

NORTH, D. **Institutional Change: a framework of analyses**. Saint Louis 1999

Disponível em: <<https://www.iei.liu.se/nek/730A22/filarkiv-2013/del-1a-andersson/1.516348/NorthInstchangeframework.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2017.

NORTH, D. **Understanding the process of economic change**. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2005

RUTHERFORD, M. **Institutions in economics: the old and the new institutionalism**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1996.

RUTHERFORD, M. Institutional Economics: Then and Now. **The Journal of Economic Perspectives**, v.15, n.3, p. 173-194, 2001. Disponível em:

<http://www.jstor.org/stable/2696562?origin=JSTOR-pdf&seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 13 nov.2017

SCHNEIDER, L. **The freudian social theory and Veblen's social theory**. New York: King's Crow Press, 1948.

SIMON, H. **Administrative Behavior**, Nova Iorque: Macmillan, 1957

VEBLEN, T. **A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições** São Paulo, Abril Cultural, 1983

VEBLEN, T. Industrial and Pecuniary Employments. **Publications of the American Economic Association** 3rd Series, v. 2, n. 1, p. 190-235, 1901. Disponível em:

<https://www.jstor.org/stable/2485814?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso 28 out. 2017

VEBLEN, T. **Teoria da empresa industrial**. Rio de Janeiro: Globo, 1966.

VEBLEN, T. Why is Economics not an Evolutionary Science? **The Quarterly Journal of Economics**, v.12, 1898. Disponível em: <<https://archive.org/details/jstor-1882952>>.

Acesso em: 20 ago. 2017

World Health Organization .**World health statistics 2016: monitoring health for the SDGs, sustainable development goals**. Disponível em :

<http://www.who.int/gho/publications/world_health_statistics/2016/en/>. Acesso em: 29 abr. 2017